

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Setembro de 1994



90.º ANIVERSÁRIO
DA IGREJA ADVENTISTA EM PORTUGAL

- 2 Pioneiros**
Maria Sales
- 3 As Lições da Nossa História**
Por Joaquim Dias
- 5 90.º Aniversário da Obra Adventista em Portugal**
Por Carlos A. Rentfro
- 7 Primeiros Passos de Clarence E. Rentfro em Portugal**
Por Ernesto Ferreira
- 12 A Sociedade Portuguesa nos Finais do Séc. XIX e Princípio do Séc. XX**
Por Victor Alves
- 14 Vós Sois as Minhas Testemunhas...**
Por J. Morgado
- 19 Uma Bíblia Aberta em Portugal**
Por Pedro Brito Ribeiro
- 21 Notícias**
- 24 Endereços das Igrejas e Salas de Culto**

PENSAMENTO DO MÊS

Nada temos a temer quanto ao futuro, a não ser que esqueçamos a maneira como Deus nos tem guiado no passado.

E. G. White

PIONEIROS

90 anos - um marco em nossa história!
90 anos de um amor que nos une,
de uma fé que nos mantém seguros,
de uma esperança sem limites,
de que vós, pioneiros,
fostes o porta-voz.

90 anos de coragem e confiança!
90 anos de um amor sem condições,
de uma aventura linda que vivestes,
de uma certeza que nos anima
e de que vós, pioneiros,
fostes o mensageiros.

90 anos de dificuldades, mas de fé!
90 anos de um amor reconfortante,
de uma vida de luta constante,
de uma dedicação extraordinária,
de que vós, pioneiros,
fostes o exemplo.

90 anos de vidas consagradas!
90 anos de um amor contagiante,
de uma fé que transbordou,
de uma mensagem que chegou até nós
e de que vós, pioneiros,
fostes o desbravador.

90 anos de mãos dadas com Deus!
90 anos de refúgio nos braços Seus,
de vigília, luta e oração.
Ajuda-nos, Senhor, a prosseguir
num ministério consagrado e de valor,
ao lembrar, dos pioneiros, o amor

Maria Sales
Igreja de Almada

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL
Setembro de 1994 - Ano LV • Nº 568

DIRECTOR:
J. Dias

REDACTORA:
M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:
Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Santos & Costa, Lda
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



AS LIÇÕES DA NOSSA HISTÓRIA

«**N**ada temos a temer quanto ao futuro, a não ser que esqueçamos a maneira como Deus nos tem conduzido no passado e ensinado ao longo da nossa história.» (E. G. White, *Testimonies*, vol. 9, p.10.)

Ao relembrar os primórdios e comemorar o 90.º aniversário do Movimento Adventista em Portugal, é nossa intenção evidenciar o espírito missionário dos nossos pioneiros, para inspiração e fortalecimento da nossa fé no próximo restabelecimento do reino de Deus nesta terra.

Sinto um grande encorajamento ao pensar no jovem casal Rentfro, que chegou a Lisboa em 1904, com a idade de 26 anos, para pregar a mensagem adventista, sem conhecer a língua e sem qualquer apoio local. Qualquer obreiro desta Causa hoje tem o apoio da administração da União e dispõe de literatura em abundância, material e equipamento audiovisual, programas bem estruturados, local próprio para viver e pregar, e do prestígio de uma Igreja reconhecida oficialmente, bem estruturada e com uma mensagem espiritual que é a verdadeira alternativa para atender as necessidades do homem como um todo nas suas dimensões física, mental, social e espiritual. Em comparação, o casal Clarence e Mary Rentfro, que chegaram a

Lisboa em Setembro de 1904, segundo o historiador adventista Ellsworth Olsen, «nas suas tentativas de fazer contactos missionários, usavam alguns folhetos em português e a Revista Adventista Brasileira.» (E. Olsen, *Origin and Progress of Seventh-Day Adventists*, p. 614.) Durante dois anos o casal, que viveu em Caxias com várias dificuldades financeiras, ao mesmo tempo que ensinava o inglês e aprendia o português, fazia contactos missionários com literatura e dava estudos bíblicos nas famílias. Quando em 1906 chegou um pastor do Brasil, Ernesto Schwantes, com vista à irradiação da mensagem adventista na cidade do Porto, quatro pessoas tinham aceite a mensagem do Advento em Lisboa e tornaram-se os primeiros adventistas em Portugal.

Devido à oposição dos familiares e da sociedade em geral, essa cerimónia baptismal foi celebrada na praia de Carcavelos, de noite.

No dia seguinte, 22 de Setembro, procedeu-se à abertura do primeiro lugar de culto adventista em Lisboa, com a celebração da Santa Ceia.

Por demonstrar dedicação ao ministério na condução de almas a Cristo como seu Salvador pessoal, o que confirmava a sua vocação, Clarence Rentfro foi consagrado ao ministério pastoral durante uma Assembleia na Suíça, em 1907, pelo pastor A.G. Daniels, presidente da Conferência Geral.

Durante os dez anos seguintes, até 1917, o pastor Rentfro, juntamente com outros colaboradores esporádicos, desenvolveram a sua actividade pastoral, tanto em Lisboa como no Porto, vendendo livros e oferecendo literatura. Os primeiros baptizados no norte do país realizaram-se em 1907, numa praia perto de Espinho. Entre esses primeiros conversos do Porto, destacam-se o casal Dias Gomes - pais do nosso falecido pastor A. Dias Gomes - e um jovem, João de Sá Pereira do Lago, que se tornou o primeiro colportor adventista em Portugal. No ano de 1912, havia duas igrejas adventistas em Portugal, com um total de 53 membros, sendo C. Rentfro o director da Obra Adventista no nosso país.

Quando em 1917 o pastor Rentfro foi para o Brasil, como responsável da Missão de Minas Gerais, a Igreja Adventista em Portugal prosseguiu o seu desenvolvimento com a colaboração de vários obreiros e sob a direcção do pastor Meyer. Um marco importante da história da nossa Igreja foi quando se fez sentir a necessidade da construção de uma igreja própria e da sede da União em Lisboa, em 1924. A mensagem encontrava eco no coração da população sequiosa da Palavra de Deus e da mensagem de segurança em Jesus Cristo. O número de membros crescia, impondo uma organização e apoio logístico mais estruturado. Foi

assim que, em 1924, o lindo templo de Lisboa, com acomodações para igreja, sede da União e espaço para uma escola, foi inaugurado. Nesse mesmo ano de 1924 foi organizada a Publicadora Atlântico, que até hoje publicou centenas de milhares de livros, revistas e folhetos, para a divulgação da tríplice mensagem angélica: «Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo» (Apoc. 14:6).

Não considero ser motivo de aclamações ou regozijo continuar a história da Igreja Adventista em Portugal para além de 90 anos, pois seria mais desejável que o pecado já tivesse chegado ao fim e Cristo tivesse estabelecido, finalmente, o Seu reino nesta terra. Considero, contudo, muito oportuno aproveitar esta efeméride para imitar o zelo, a dedicação e a fé dos nossos pioneiros, renovando a nossa decisão de «Vigiar, orar e trabalhar. Oração e vigília são necessárias para o avanço na vida espiritual. Nunca houve um tempo na nossa história mais importante do que o tempo presente» (*Testimonies*, vol. 2, p. 283). Esta atitude de vigilância, de oração e testemunho, deve fazer de nós, adventistas, o tipo de cristãos que se evidenciam por «terem afeições gentis, impulsos generosos e amor pelas almas.» (*Ibid.*, p. 284.) Estes serão os ingredientes mais apreciados pelo nosso próximo e os que melhor podem atrair as almas a Cristo.

Deus quer repetir a experiência do Pentecostes. «Depois da descida do Espírito Santo, os discípulos saíram a proclamar um Salvador ressuscitado, sendo seu desejo único a salvação das almas. Regozijavam-se na doce comunhão com os santos. Eram ternos, corteses, abnegados, dispostos a fazer qualquer

sacrifício pela Causa da Verdade... Revelavam o amor de Cristo... Por palavras e actos abnegados, procuravam acender este amor noutros corações.» (*Testemunhos Selectos*, vol. III, pp. 244-245.)

Se é reconfortante e animador lembrar estas lições da história do povo de Deus e a maneira maravilhosa como Ele suscitou no passado homens e mulheres dedicados e consagrados à Sua Obra, para a pregação do Evangelho Eterno, com vista a preparar um povo para aclamar e viver com Jesus, no Seu reino, a maneira como Deus agirá para a culminação do plano da salvação será ainda mais reconfortante. «Melhor é o fim das coisas do que o princípio delas» (Ecles. 7:8), lembra-nos, muito a propósito, o Sábio. Mesmo que nos pareça demasiado longa a espera e que surjam escarnecedores «dizendo: onde está a promessa da Sua vinda?» (II Pedro 3:4), procuremos reagir com paciência e amor, lembrando que «o Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não

querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se» (II Pedro 3:9).

A nossa fé é fortalecida também ao lembrar estas lições do passado, porque nos encorajam e asseguram das promessas quanto ao futuro, pois «Deus tem amparado Sua Igreja.. Nenhuma nuvem sobre ela caiu, para a qual não estivesse preparado; nenhuma força aparente surgiu para impedir Sua Obra que Ele não tivesse previsto. Tudo sucedeu como Ele predisse. Ele não deixou Sua Igreja ao desamparo, mas traçou em declarações proféticas o que deveria ocorrer, e aquilo que Seu Espírito inspirou os profetas a predizerem, tem-se realizado. Todos os Seus propósitos são cumpridos. Sua lei está vinculada a Seu trono e nenhum poder do mal poderá destruí-la. A verdade é inspirada e guardada por Deus, e ela triunfará sobre toda a oposição.» (E. White, *Actos dos Apóstolos*, pp. 11-12.)

Joaquim Dias

Presidente da União Portuguesa



BÍBLIAS PARA ÁFRICA

Alcançámos 1000 Bíblias

Desejamos agradecer a todos os irmãos que até este momento contribuíram para este plano.

Recebemos não só contribuições de igrejas, mas de muitos irmãos, individualmente. A lista completa será publicada num dos próximos números da *Revista Adventista*.

Devido à ausência de várias igrejas, que certamente não tiveram ainda oportunidade de enviar a sua oferta, e dado a época de férias, prolongaremos o plano até fins de Setembro, pedindo a todos os responsáveis de igrejas que se lembrem dos nossos irmãos na África de língua portuguesa.

Muito obrigado a todos.

J. Morgado, J. M. Costa, H. Lopes e Rui Dias

90.º Aniversário da Obra Adventista em Portugal

Desde o alvor do século 20, até perto do seu ocaso, já se lá vão 90 anos - nove décadas quase sem par na história da nossa civilização - num delinear rápido dos triunfos da evangelização do Adventismo Sabático.

Nesta era frenética, em que se travaram duas longas e cruéis guerras mundiais, estou ainda a viver. Nasci aos 18 de Março de 1904. Graças a Deus escrevo estas linhas em 1994, após 90 anos de minha vida, e do Adventismo em Portugal.

Em 1904 os directores da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em Washington, D.C., E.U.A., estavam prestes a abrir novos sectores do mundo ao evangelho, que prediz a volta de Jesus Cristo nesta geração. Era tempo de levar a Portugal essas boas novas. Para este fim, tornou-se imperativo a selecção de missionários durante as reuniões campais no Estado de Iowa, no verão de 1904.

A Junta das Missões escolheu o jovem pastor licenciado, Clarence Emerson Rentfro, e sua esposa, Mary Haskell Rentfro, recentemente diplomada enfermeira pelo Sanatório de Iowa, em Des Moines, e colportora de cinco anos de experiência.

Aos 10 de Setembro de 1904, o casal Rentfro, com o seu filhinho de seis meses, Charles Allen Rentfro, embarcaram no transatlântico *S. S. Philadelphia*, em Nova Iorque, a caminho da Grã-Bretanha. Mas um cabograma, em Londres, deu-lhes novas instruções: «Sigam a Portugal.» O destino

inicial havia sido a Espanha. Embarcaram no paquete inglês *R. M. S. Madalena* e arribaram, vários dias depois, no lindo Rio Tejo, em Lisboa, no dia 26 de Setembro de 1904.

No 75º ano da Obra no país, o autor destas linhas escreveu na *Revista Adventista*, de Julho de 1979, num artigo intitulado «Para isto viemos ao reino de Portugal», que a data do desembarque da família Rentfro «seria cinzelada no marco do Movimento Adventista de Portugal. Mas não havia sequer outro crente a recebê-los no cais, nem no país inteiro. E pensaram no outro Belém!... Lá na margem do Tejo surgia a Torre de Belém, verdadeiro ponto de recordações.»

Passaremos por alto várias peripécias já bem conhecidas, ao se integra-

rem meus pais na economia e na cultura do meio português. Eles começaram o estudo exaustivo do idioma com a professora Dona Barata logo aos onze dias de estadia em Lisboa, em 7 de Outubro de 1904, afirma o diário dos pioneiros.

Entretanto, o pastor Clarence distribuía folhetos e revistas, entre estas o *Arauto da Verdade*, do Brasil. Ele pregou o seu primeiro sermão em português a 17 de Abril de 1906. Na igreja anglicana de Lisboa, o casal missionário contactou com a Sra. Lucy Portugal, uma dama inglesa, viúva dum actor português. Desta amizade nasceu o interesse com que ela lia os *Sinais dos Tempos*, revista semanal vinda da América.

A D. Lucy guardou o seu primeiro Sábado em 19 de Maio de 1906, sendo a primeira crente em Portugal. Com ela, em Lisboa, doze pessoas recebiam estudos bíblicos. Nesta data celebrou-se a primeira Escola Sabatina, na Rua dos Industriais, n.º 9, 2.º no lar da Irmã Lucy.

Em 13 de Agosto de 1906, a primeira Igreja Adventista surgia no recinto dum edifício azulejado, que ainda se vê em Lisboa. Era a sala de culto e a residência dos meus pais, na Rua São Bernardo, à Estrela, n.º 120, 1.º.

Os pioneiros foram abençoados por Deus nos seus abnegados esforços, ao realizar-se o primeiro baptismo, no Rio Tejo. Era ao anoitecer das 20 horas de sexta-feira, 21 de Setembro de 1906. Imersos pelo Pastor Ernesto Schwantes, vindo do Brasil para iniciar uma igreja no Porto, foram Maria Morgado de



A família de Clarence E. Rentfro.

Carlos A. Rentfro

Figueiredo, Lucy Portugal, António Vítor de Figueiredo (menor de 12), e Alberto Carlos de Figueiredo. Dois mais, João Baptista de Figueiredo, e sua esposa, Maria da Conceição, baptizaram-se em 8 de Dezembro de 1906. Assim uma nobre família constituiu os baluartes fundamentais das nascente igreja.

Uma fotografia que acompanha este histórico da família pioneira tem a data de 6 de Janeiro de 1907. Nela estão retratados (da esquerda à direita) a D. Mary Haskell Rentfro (n. 1874; f. em 1972); a bebé, Marian Rentfro (n. 1906); Charles Allen Rentfro (n. 1904); e o Pastor Clarence E. Rentfro (n. 23 de Julho de 1877; f. 3 de Setembro de 1951, em Covina, Califórnia). Os falecidos jazem no Montecito Memorial Park, perto de Loma Linda, na Califórnia.

O Pastor C. E. Rentfro foi consagrado ao ministério aos 29 anos, em Gland, Suíça, no dia 25 de Maio de 1907, pelo Pastor Arthur G. Daniells, presidente-geral da Igreja Adventista. Os crentes em Portugal chegavam já a uma dúzia, e no mundo, a cerca de 100 mil.

A obra de publicações surgiu logo após a palavra de pregação com o lançamento, em 1907, de um precioso volume traduzido do inglês, contendo 28 estudos. Intitulava-se «O Preceptor da Bíblia no Lar». Na portada lia-se: «Sociedade Internacional de Tratados, Porto - R. do Bonfim, 124; Lisboa - R. de São Bernardo, 120, 1.º D.

Um carimbo superimpresso anunciava: «Conferências Evangélicas às 20 horas, Calçada S. André, 45, (Lisboa). Domingos, Quartas e Sextas-feiras.»

Outra publicação saiu a lume sob a epígrafe: «Os Signaes dos Tempos» - uma *Revista Evangélica Ilustrada*, trimensal, com data de Julho - Setembro de 1909, ano 1, número 1. O redactor foi C. E. Rentfro, em Caxias, e o director Salvador B. Figueiredo, em Lisboa. Salientavam-se os terremotos de S. Francisco, em 1906, na Califórnia, e de Kingston, Jamaica, em 1907. Como disse Jesus, em S. Lucas 21:11, «Haverá grandes terremotos». Sem esquecer o abalo sísmico fatal de meio mundo que devastou Lisboa no dia 1 de Novembro de 1755. (Veja-se



O casal Charles e Sylvia Rentfro.

Apocalipse 6:12: «Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto.»)

A família Rentfro cresceu com o nascimento do outro filho, o Curtis, nascido aos 30 de Abril de 1909, na Calçada de Laveiras, 131, Caxias, subúrbio de Lisboa. Em 1910 passámos a viver numa quinta ampla perto da estação de Caxias. O autor destas linhas retém as mais vivas memórias deste lugar. Elas são evidentes na tradução duma carta publicada no periódico de Greeneville, Tennessee, E.U.A., a 18 de Janeiro de 1993.

«*Year of The Goat' Story Stirred Childhood Memories.*» («'O Ano da Cabra' fez reviver lembranças da meninice»).

«Estimado Senhor Editor:

«O artigo realçando o *Ano da Cabra (The Greeneville Sun - O Sol de Greeneville - Jan. 11, 1993)* despertou-me vivas memórias do ano de 1910. Morávamos numa quinta em Caxias, junto ao Rio Tejo, perto de Lisboa, Portugal.

«Aí eu cuidava duma *nanny goat*, que em português chamamos cabra. O meu pai, Clarence E. Rentfro, ministro, e minha mãe, Mary Haskell Rentfro, uma vera enfermeira graduada do Sanatório de Iowa, em Des Moines, Iowa, fizeram-me uma carrocinha de 4 rodas.

«A mamã coseu uns arreios para que a cabra pudesse puxar o carrinho. Como eu tinha só 6 anos, não pesava

muito; talvez a cabra pesasse mais do que eu.

«Enquanto os meus pais procuravam interessados na Igreja Adventista, para cujo fim foram enviados a Portugal como pioneiros em 1904, eu cuidava da cabra, a tirar o seu leite, e a dar-lhe pasto num campo próximo. A minha irmã e irmãozinho, ambos nascidos em Lisboa, e eu bebíamos com gosto o leite da cabra.

«Não somente foi 1910 o Ano da Cabra para mim, mas me lembro de haver visto o Cometa Halley às 4 da madrugada, nesse ano. O meu pai acordou-me naquela manhã memorável. O cometa deslumbrava um pouco acima do horizonte, visto da nossa quinta, como uma vírgula, mas em sentido horizontal.» - (Assinado) Charles A. Rentfro.

Ainda residíamos na quinta de Caxias quando a Revolução de 5 de Outubro de 1910 transformou a monarquia de Portugal em República, banindo o Rei D. Manoel e a realeza.

Surgiram novas metas, e liberdades mais amplas, e raras oportunidades de proclamar o evangelho de Jesus Cristo. Como dizia a última estrofe do hino nacional:

«Saudai o sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o eco duma afronta
O sinal de ressurgir.»

Nessa etapa, vieram mais obreiros, um segundo colportor, José Abella, espanhol educado na Suíça, e Paul Meyer, ministro licenciado, também suíço. Em 1911, a sala de culto instalou-se na Rua das Chagas, n.º 9-A, e a residência da família Rentfro no andar de cima.

Em 1912 já vivíamos no Porto, na Rua da Boa Vista, n.º 145, com a sala de culto no primeiro andar, e nós no terceiro superior.

No ano de 1914 havia 20 membros de igreja no Porto e 41 em Lisboa. Quando os pioneiros da Obra em Portugal foram para o Brasil, em Março de 1917, as duas igrejas implantadas em firmes alicerces contavam uns 85 membros, frutos das bênçãos divinas.

Hoje, segundo consta da *Revista Adventista* de Março de 1994, o corrente presidente da União Portuguesa, Pastor Joaquim Dias, informa que «a Igreja Adventista em Portugal está

implantada em mais de 100 lugares de culto no nosso país». E os membros da Igreja já ultrapassam os 7.000. Eram em Junho deste ano 7.646.

Quando se celebrava o 75.º aniversário da Obra Adventista em Portugal, em 1979, a *Revista Adventista* de Julho publicou uma ampla história do progresso no país. Foram retratados 13 presidentes desde C. E. Rentfro até J. B. Santos (interino em 1977), seguindo-se o Pastor Joaquim Morgado até 1992.

Foi durante a administração do Pr. Morgado que, em 1979, com a minha saudosa esposa Esther Allen Rentfro, passámos uns 10 dias a visitar numerosas igrejas e escolas adventistas, ao celebrar o 75.º aniversário da Obra Adventista em Portugal. Este relato apareceu na *Adventist Review* (edição norte-americana, de 11 de Setembro de 1980), e na *Revista Adventista* de Fevereiro de 1981, em versão portuguesa.

A nossa última visita a Portugal foi com a minha segunda esposa, Sylvia Buckman Rentfro, viúva do Pastor Watson Buckman, após o nosso casamento em 11 de Dezembro de 1988. Passámos a nossa lua de mel no Funchal, Ilha da Madeira, onde saudei a várias centenas de crentes no culto de Sábado. Estivemos em Lisboa e no Algarve, onde visitámos a igreja de Vila Real de Santo António, na margem do Rio Guadiana. Fomos a Espanha e também a Gibraltar.

Lamento não haver mais espaço para salientar os muitos nomes de irmãos e irmãs que durante os meus longos 90 anos de vida cheguei a conhecer em Portugal, quando vivi no país ou nas duas ocasiões de visita. Lembro-me da família de Isabel de Melo e seus 4 filhos e filhas, ganhos pelos esforços de Alberto Raposo. Também de A. Dias Gomes, meu companheiro jovem. De Ernesto Ferreira, laborioso pastor e editor e professor, cuja esposa a minha mãe ajudou a nascer quando bebé. Da família de Isaías Gomes e dos Figueiredos, e João de Sá, e outros tantos, todos da grande família de Deus em Portugal. Deus abençoe a Obra neste país!

Carlos A. Rentfro é filho do pioneiro Clarence E. Rentfro.

Primeiros Passos de Clarence E. Rentfro em Portugal

Vindos dos Estados Unidos, via Inglaterra, o Pastor Clarence Emerson Rentfro, sua esposa Mary e seu filho Charles, de apenas seis meses de idade, desembarcaram em Lisboa, a 26 de Setembro de 1904, como pioneiros da Obra Adventista em Portugal.

A propósito desta efeméride, talvez não seja descabido reproduzir, pela primeira vez em nossa língua, uma série de notícias enviadas pelo Pastor Rentfro para a *Review and Herald*, dando conta das suas primeiras impressões e contactos neste seu novo campo de trabalho.

O primeiro artigo, evidentemente escrito ainda em 1904, foi publicado apenas no número de 5 de Janeiro de 1905. Nele se refere particularmente à benéfica obra da Sociedade Bíblica e à oposição levantada contra os Adventistas do Sétimo Dia por parte de alguma imprensa religiosa.

Eis o texto do artigo, precisamente intitulado «Começando em Portugal»:

«Este é o meu primeiro relatório geral sobre Portugal, mais especialmente sobre Lisboa. Desembarcámos em Lisboa a 26 de Setembro [de 1904]; e embora não conhecêssemos a língua, os primeiros dias no nosso novo campo, bem como toda a nossa viagem, foram assinalados por numerosas bênçãos do nosso Pai Celeste.

«Encontrámos a nossa actual casa, após dois dias de muito procurar, situada precisamente em frente da morada do seu dono - o primeiro-ministro de Portugal.¹ Pagamos apenas um

pouco mais de seis dólares por mês, mas tivemos de pagar seis meses adiantados.

«Este é na realidade um campo muito necessitado, onde a ignorância e trevas quase pagãs reinam supremas. A população do país é cerca de cinco milhões, com menos missionários protestantes do que a Índia. Com efeito, a Índia, segundo compreendo, tem um obreiro para cada cem mil habitantes, ao passo que Portugal não tem tantos.

«A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira tem feito muito para a evangelização deste campo. Não deixará de vir a propósito uma breve referência à sua obra. Em 1809 foi publicada a primeira edição do Novo Testamento na versão de Almeida. Em 1811 Henry Hartin advogou a causa dos portugueses, e o resultado foi a primeira edição do Novo Testamento na versão Figueiredo - uma tradução por um padre católico, facto este que facilitou uma pronta aceitação por parte dos católicos. Por volta de 1819 a 1821 apareceu a Bíblia completa.

«Em 1864 a Sociedade enviou W. P. Tiddy a esta cidade para abrir uma agência. F. H. Roughton ocupou o cargo até 1870. Então seguiu-se J. E. Tugman durante seis anos, sendo este sucedido por Robert Stewart, que ocupou o lugar durante vinte e seis anos. O agente para a Península é Robert O. Walker, de Madrid, ao passo que o seu sub-agente aqui é Robert Moreton, um nobre jovem de grande capacidade. Relacionámo-nos com ele, e vimos nele um amigo em tempo de necessidade, e somos-lhe devedores de

Ernesto Ferreira



Primitivas instalações da Sociedade Bíblica, em Lisboa, na Rua das Janelas Verdes. Antes foi Convento dos Marianos e é actualmente propriedade da Igreja Lusitana Episcopal.

informações valiosas, assim como de publicações das quais colhemos os factos aqui mencionados. O escritório da Sociedade Bíblica ocupa uma boa parte de um grande convento erigido há trezentos anos atrás.²

«Há cerca de doze anos o governo vendeu o convento aos Presbiterianos, que, por sua vez, há uns cinco anos o venderam aos Episcopais. Estes últimos realizam os seus cultos na grande capela. Isto é bastante estranho, dado que o código penal declara que os lugares de culto dos Protestantes não podem ter a forma exterior de uma igreja nem ter a fachada voltada para a rua. Todavia os Episcopais ergueram a cruz no cimo do edifício, captando por esse meio a atenção favorável dos católicos.

«A distribuição total de exemplares da Bíblia ou de porções dela, entre 1804 e 1903, foi de cerca de 1.500.000. A Sociedade tem sete colportores em Portugal.³ A venda das Escrituras não está isenta de dificuldades; com efeito, em Julho deste ano [1904], numa das províncias do interior, um padre católico apoderou-se de

toda a literatura de um colportor, e fez com que ele fosse lançado na prisão. Assim procede Roma quando pode achar uma oportunidade conveniente, mantendo ao mesmo tempo um aspecto respeitável. Podemos ver que Portugal está preparado para a última mensagem de advertência a um mundo moribundo. A Sociedade Bíblica receberá a sua recompensa pela circulação da Palavra de Deus.

«Estamos fazendo bom progresso na aprendizagem da

língua, e esperamos poder em breve realizar trabalho activo na venda de literatura. Fiz duas tentativas para vender a revista brasileira e alguns folhetos. Embora tenha vendido algo, sinto que necessito de um vocabulário melhor.

«Recentemente soube que os Adventistas do Sétimo Dia têm sido objecto de publicidade, por meio de sucessivos artigos aparecidos numa pequena publicação religiosa portuguesa. Também chegou aqui o livro «O Adventismo do Sétimo Dia Renunciado»⁴, mas apenas em inglês. Afinal, sentimo-nos alegres por ser ajudados desta maneira, mesmo antes de podermos falar numa língua estranha; porque eles nada podem fazer contra a verdade.

«Quando esta notícia chegar a vós, o povo de Deus pode estar em uníssonos orando pelo avanço da obra do Senhor. A nossa oração continuará a ser que Deus abençoe a Sua causa, o Seu povo, o Mundo pecaminoso, e apresse o dia do reinado do Rei Emanuel. Lembrai-vos deste necessitado campo em vossas orações.»

Três meses depois, em 23 de Março de 1905, aparecia nova notícia, dando conta dos progressos na aprendizagem da língua e de alguns acontecimentos entretanto ocorridos:

«Vamo-nos adaptando bem a este necessitado campo, à medida que dia após dia a língua se vai tornando cada vez mais familiar. Temos falta de literatura sobre a segunda vinda de Cristo e os sinais dos tempos, mas temos um bom número de folhetos sobre o assunto do Sábado. Distribuí 1.487 páginas de folhetos e cerca de cinquenta números do *Arauto da Verdade*, a nossa revista portuguesa publicada no Brasil. Há várias pessoas em favor das quais estamos especialmente trabalhando e orando. Dado que foi neste país e cidade que houve um tão grande sinal da aproximação do tempo do fim, o grande terremoto de 1755, temos orado a Deus que manifeste a breve volta do nosso Salvador por um derramamento do Seu Espírito sobre este povo, e nos conceda preciosas almas.

«Há já algum tempo, quando o rei D. Carlos esteve em Londres, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira ofereceu-lhe uma Bíblia em português, luxuosamente encadernada, que ele recebeu com profusos agradecimentos. Os Protestantes esperam fazer uso deste facto no sentido de que as pessoas leiam a Bíblia.

«Estamos progredindo a pouco e pouco na língua. Já posso traduzir bastante bem um sermão português. Assisto a quatro ou cinco reuniões por semana, procurando familiarizar-me com as pessoas, e distribuindo literatura na medida das minhas possibilidades. Há uma ligeira tendência por parte do povo aqui em favor do liberalismo, por começar a estar cansado do domínio jesuítico. Não há muito, por ocasião de se levantar um monumento em memória do quinquagésimo aniversário da definição do dogma da imaculada concepção,⁵ os padres foram apupados pelo populacho, mas este foi posto em fuga pelos soldados.

«Pedimos orações em nosso favor, bem como em favor deste povo que tanto necessita de luz. Já precisamos

de ajuda - homens, meios e literatura. Fundos para a publicação de mais literatura serão aceitáveis, desde que sejam enviados através dos canais regulares.»

Noutra notícia, publicada em 4 de Maio, o Pastor Rentfro continua a referir-se às suas relações com o meio protestante:

«Ao ler frequentes notícias do que Deus está fazendo noutros lugares, desejaria poder apresentar notícias semelhantes acerca de Portugal. Mas não tenho nada de interesse especial a relatar, excepto que os Protestantes aqui estão lutando contra a verdade, tanto falando e escrevendo contra o Sábado, como advogando a guarda do primeiro dia.

«No Domingo depois do Natal fui à Igreja Presbiteriana Escocesa, e notei que devido às festas do Natal ninguém veio à reunião. O ministro veio ter comigo, e convidou-me para entrar no seu gabinete, onde ele e sua esposa me fizeram muitas perguntas. Isto proporcionou-me o ensejo de lhe apresentar a evidência sobre a próxima vinda de Cristo. Dois homens, porém, entraram e puseram fim à conversa, mas antes de nos separarmos tivemos uns momentos de oração.

«Por não termos estado fora desta cidade, pouco podemos dizer do que se passa noutros lugares. Há cerca de mil Ingleses aqui, espalhados pela cidade. Estes frequentam as igrejas Episcopal e Presbiteriana Escocesa. Não chega a doze o número de Americanos. O francês é falado por um grande número de pessoas, e tenho sido aconselhado a aprender também essa língua. Temos as nossas três lições de português por semana, e aplicamo-nos intensamente ao seu estudo. Assistimos a cultos em português na missão Episcopal Metodista, bem como nas missões Episcopal e dos Irmãos de Plymouth, a fim de nos familiarizarmos com o som da linguagem, bem como com as pessoas.

«Não temos folhetos em nossa língua sobre a segunda vinda de Cristo, e por isso limitamo-nos a distribuir

folhetos sobre o Sábado e a revista brasileira, que dá atenção proeminente ao assunto do Sábado - mais do que à vinda de Cristo. Estes têm despertado os Protestantes, e eles têm apresentado a observância do Domingo, e têm-me pedido amavelmente para procurar outro território onde trabalhar.

«Foi-me dito pelo pregador presbiteriano que a principal missão estabelecida por eles e frequentada pelo povo Episcopal Metodista começou em 1866, e o missionário ainda é mantido por dinheiro levantado na Inglaterra por pessoas inglesas. O povo português necessita certamente da mensagem do terceiro anjo.»



Irmã Lucy Portugal, primeira crente adventista em Portugal, vinda da Igreja Inglesa. Foi durante vários anos secretária e tesoureira da igreja de Lisboa.

Na semana seguinte, em 11 de Maio, é publicada nova notícia de Portugal:

«Se eu pudesse pregar em português, podia abrir trabalho agora, embora fosse necessário convencer as autoridades de que não somos “socialistas” mas nos propomos fazer genuína obra evangélica.

«Estou agora frequentando três ou quatro reuniões em português em outros tantos lugares cada semana, e uma reunião na igreja Presbiteriana Escocesa, distribuindo folhetos na medida em que se apresenta a oportunidade, sem atrair sobre mim a ira do prega-

dor. A um lugar levei alguns exemplares do *Arauto da Verdade*, e depois da reunião dei um a um homem, e logo homens, mulheres e crianças se aglomeraram em volta, estendendo as mãos para receberem revistas, alguns pretendendo duas, de sorte que distribuí vinte e cinco em menos de nove minutos. Muitas mais podiam ser dadas. As pessoas que sabem ler sentem-se felizes por poderem ler seja o que for. Ao nosso fornecedor de hortaliça demos um exemplar de todos os folhetos e revistas que temos na língua portuguesa. Mas no que respeita a perguntas e explicações não podemos ainda seguir o interesse despertado.

«Esperamos que possa ser achado um homem que dê a sua ajuda neste campo sem necessitar de aprender a língua. Se eu pudesse falar e compreender bem a língua, não me faltaria trabalho.»

No mês seguinte, em 15 de Junho, Rentfro refere-se particularmente à prisão de um colportor da Sociedade Bíblica e aos seus contactos com o ministro da Igreja Inglesa:

«Há cerca de duas semanas um colportor da Sociedade Bíblica esteve preso durante cinco dias, e as suas Bíblias, no valor de mais de trinta e cinco dólares, foram confiscadas. Ele foi posto em liberdade sem julgamento. As autoridades diziam que os livros continham matéria contrária à religião estabelecida. Isto foi no norte de Portugal.

«O ministro da Igreja Inglesa é um homem da Bíblia. Ele interpreta a Bíblia literalmente, a não ser quando se trata de um evidente sentido figurado. Nesse caso a Bíblia é o seu próprio dicionário. Ele está realizando semanalmente estudos bíblicos sobre o livro de Daniel, e vai directamente ao ponto. Estou tendo estudos com ele sobre o assunto do santuário. Como é um homem muito mais idoso do que eu, estou ocupando o lugar de aprendiz. No próximo Domingo falará sobre Daniel 7. Um Domingo ele pregou sobre “A Segunda Vinda de Cristo”. Dei-lhe o seu primeiro conheci-



Interior de uma sala do prédio onde se realizou a primeira Escola Sabatina em Portugal.

mento dos sinais que assinalam a proximidade desse acontecimento. Ele disse que teria de examinar melhor o assunto. Uma diaconisa está-me apresentando a alguns membros proeminentes da igreja.⁶ Oramos para que o Senhor traga à verdade este homem e muitas ovelhas do seu rebanho.»

Até aqui as notícias têm sido enviadas de Lisboa, mas a partir de 6 de Julho elas são remetidas de Carcavelos, para onde a família Rentfro mudou a sua residência. Daqui escreve o nosso pioneiro:

«Esta é uma pequena vila de cerca de cem habitantes, parte dos quais são Ingleses e parte Portugueses, e fica a poucos quilómetros a oeste de Lisboa, em direcção ao Oceano. Podemos ver alguns pequenos montes à distância de uns nove quilómetros. Para exercício, enquanto estudo a língua, corro até à praia, e no caminho passo pelos terrenos de uma estação de cabo submarino inglesa. Podemos ver todos os barcos que entram no Rio Tejo em direcção ao porto de Lisboa.

«Há uma semana organizámos uma Escola Dominical para benefício das crianças inglesas que aqui moram, a pedido dos seus pais. Isto é algo novo para elas, embora tenham reu-

niões de pregação duas vezes por mês dirigidas por ministros ingleses vindos da cidade.

«Estou traduzindo alguns artigos originais em português, para publicação na nossa revista do Brasil. Naturalmente, a minha professora ajuda-me na correcção. Desejo que algum amável amigo nos envie exemplares limpos e não amarrados dos *Signs*, *Watchman*, e *Our Little Friend*, para distribuição entre os nossos amigos ingleses. Lembrai-vos do nosso trabalho em vossas orações.» Na notícia seguinte, que apareceu no número de 20 de Julho, além da referência a dados já mencionados, aparecem novas informações:

«Estamos a viver numa pequena vila que fica a poucos quilómetros a oeste de Lisboa, onde está localizada uma estação de cabo submarino inglesa. Continuamos a estudar a língua, e quando estivermos aptos a pregar voltaremos ao campo de luta.

«Agora estou ocupado na preparação de alguns artigos para a revista brasileira. Estes serão guardados para uso futuro em folhetos, quando pudermos publicá-los. Tenho o primeiro estudo bíblico do *The Family Bible Teacher*,⁷ traduzido pela nossa primeira professora, que enviarei também ao Brasil para ser publicado. A nossa estadia aqui habilitar-me-á a preparar literatura, o que teria sido muito mais difícil de fazer na cidade onde há muitas influências distractivas.

«Ontem organizámos uma Escola Dominal a pedido de alguns dos nossos amigos ingleses. Estavam treze presentes, contando connosco, e em breve podemos ter vinte ou mais, quando se tornar mais conhecida.

«Apreciámos a visita do Pastor Conradi,⁸ e os seus conselhos foram muito oportunos.

«Tive a minha primeira experiência com a chamada “alta crítica” em Lisboa; muitos outros que não pretendem esse título têm uma maneira sub-

til de raciocinar, em vez de um “Assim diz o Senhor”.

«Deve vir até aqui alguém que possa pregar. Estou convencido de que a nossa obra será sobretudo nessa direcção, pois onde oitenta por cento não sabem ler, os colportores não serão de grande utilidade. Neste momento não há grande perigo no trabalho público, porque há entre os Portugueses o desejo de fazer como os Ingleses. Assim um cidadão dos Estados Unidos ou da Inglaterra não corre grande risco de ser impedido, porque as autoridades temem os resultados de um julgamento público, tal como os Ingleses poderiam exigir. Podemos publicar quase tudo, contanto que nos mantenhamos alheios à política. Precisamente agora há um alto apreço pela liberdade de imprensa. Os jornalistas estão trabalhando fortemente por liberdade nessa direcção.

«Uma pessoa familiarizada com a língua francesa ou a latina podia em breve estar preparada para trabalhar aqui. Muitos Portugueses sabem o francês. Com alguém a ajudar, ao cabo de um ano essa pessoa estaria preparada para o trabalho público de uma forma consistente. Sei que estais confrontados com muitos problemas difíceis, e por isso retraio-me de pedir ajuda com muita insistência. Farei o que possa com a ajuda de Deus. Queira o nosso Pai celeste dirigir as coisas



Capa do primeiro livro adventista impresso em Portugal.

de maneira que em todas as direcções o movimento desta mensagem abranja em breve todo o mundo, dê fim ao conflito e salve muitas almas da ruína.»

Finalmente, em 28 de Dezembro apareceu na *Review and Herald* o último artigo do Pastor Rentfro, referente ao ano de 1905:

«Nos últimos três dias houve uma festa em honra da padroeira desta vila, “Nossa Senhora dos Remédios”. Houve música por uma banda, danças à noite, e foguetes às dezenas. No Domingo à tarde houve uma procissão, na qual foram levadas três imagens.

«Muitas vezes deparo-me com notícias interessantes nos diários aqui. Um jornal, noticiando a morte de uma condessa, publicou a sua última vontade e testamento. Entre outras coisas estavam as seguintes: No dia da sua morte, deviam ser ditas trinta missas pela sua alma, e durante os oito dias seguintes, deviam ser ditas mais cem. Além destas, ela mandou que fossem ditas duzentas pelo seu marido, duzentas pelos seus pais, duzentas pelo seu avô, trezentas por diferentes tios, e por outras almas no purgatório - elevando-se o total a mais de três mil missas que ao preço de quinhentos réis totalizaram mais de mil e quinhentos dólares.

«Os liberais fazem muito por controlar o espírito intolerante da Igreja Católica em Portugal. Num jornal, chamado *Folha do Povo*, as inconsistências do Papado são constantemente apresentadas aos leitores. Estas coisas, além de outras, creio contribuir para manter o inimigo sob controle, de maneira que podemos ter uma oportunidade de proclamar a terceira mensagem angélica. Orai pela obra e obreiros em Portugal.

«Podemos agora publicar o nosso primeiro folheto em Portugal, com a ajuda da oferta de uma boa irmã da Califórnia, pela qual louvo a Deus. Desejamos dar sequência a este com outro folheto, intitulado “Segredo da Saúde”.⁹ Está agora nas mãos da nossa professora, que esta interessada em usar o seu talento em favor do povo

desta língua. Ela enviou-nos um donativo para a obra de publicações.»

Neste mesmo ano de 1905, ainda apareceu um artigo do Pastor Rentfro publicado na revista *Signs of the Times*, que não reproduzimos devido ao facto de que nele se encontram, repetidas, informações que aparecem nos citados números da *Review*. Cremos, porém, que as notícias registadas nestas páginas nos podem dar uma ideia bastante precisa do meio em que foram dados os primeiros passos por este saudoso pioneiro da Obra Adventista em Portugal.

(1) A casa ficava perto do Jardim da Estrela e, na altura, E. R. Hintze Ribeiro era o primeiro-ministro.

(2) Trata-se do Convento dos Marianos, na Rua das Janelas Verdes, em Lisboa, ainda hoje pertença da Igreja Lusitana Episcopal.

(3) Um desses colportores era José Alexandre Ribeiro, pai do nosso Pastor Pedro Brito Ribeiro. Também ele esteve preso pouco tempo depois.

(4) É a obra *Seventh-Day Adventism Renounced*, da autoria de D. M. Canright, publicada em 1889. Os argumentos aí aduzidos foram analisados e refutados no livro de W. H. Branson, *In Defense of the Faith* (Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1933).

(5) O dogma da Imaculada Conceição foi definido por Pio IX, bula «*Ineffabilis Deus*», em 8 de Dezembro de 1854.

(6) É digno de registo que um dos quatro primeiros membros baptizados em Portugal foi Lucy Portugal, vinda precisamente da Igreja Inglesa. Durante muitos anos exer-



Edifício onde funcionou a primeira Igreja Adventista em Portugal.

ceu com fidelidade as funções de secretária e tesoureira da igreja de Lisboa. Faleceu em 26 de Novembro de 1927. Foi sepultada no cemitério inglês, em Lisboa.

(7) Estes folhetos, abrangendo 28 estudos bíblicos, deram prigem ao primeiro livro adventista publicado em Portugal. É *O Preceptor da Bíblia no Lar*, de 124 páginas, publicado no Porto, em 1907, no tempo do Pastor Rentfro.

(8) L. R. Conradi foi desde 1901 o presidente da Conferência Geral Europeia (mais tarde Divisão Europeia) e desde 1903 vice-presidente da Conferência Geral. Permaneceu à frente da Obra na Europa até 1922.

(9) O folheto *O Segredo da Saúde*, de 48 páginas, foi escrito por F. A. Forest, e teve pelo menos duas edições em Portugal.

O Pr. Ernesto Ferreira, aposentado mas activo, foi presidente da União Portuguesa de 1951-57, 1969-74 e 1977-79.

A Sociedade Portuguesa nos Finais do Séc. XIX e Princípio do Séc. XX

A visita missionária a Portugal, de Stephen N. Haskell, de 21 para 22 de Junho de 1889, foi, a meu ver, accidental ou apenas de circunstância, na medida em que o navio que o transportava fez uma simples paragem para abastecimento de carvão e esteve ancorado no Tejo desde a meia-noite do dia 21 até às 16 horas do dia 22. Considerando as 8 horas da parte da noite, podemos concluir que Haskell apenas esteve em Lisboa umas simples 8 horas. Penso que é muito pouco tempo para se conhecer Portugal, especialmente em 1889. Nesta época as coisas não corriam lá muito bem para Portugal. O «fontismo» redundara num adiamento das grandes dificuldades do País. Em 1890 as coisas estavam caóticas, o «ultimatum» inglês dera um golpe profundo na monarquia. A revolta republicana, no Porto, do 31 de Janeiro de 1891. A crise económica e financeira, com suas consequências naturais de falta de trabalho e agitação do povo. A falta de crédito no estrangeiro. Em Janeiro de 1892, o Ministro da Fazenda, demissionário, expunha na Câmara as misérias do Tesouro Público, muito mais negras do que se supunha. Além disso, a crise de 1890 é geral por toda a Europa e Portugal não passou imune a esta situação caótica.



Problemas sociais em Lisboa. Greve dos corticeiros.

Dentro deste quadro, não podemos considerar as afirmações de Haskell reais de um País completamente atra-

nos diz Vitorino Magalhães Godinho, «(...) não participou o complexo histórico-geográfico ibérico na Revolução Industrial da máquina a vapor, da hulha e do tear, nem depois na da electricidade e do petróleo, excepto numa ou noutra das suas regiões periféricas, (...). Também a Revolução Francesa aqui não plasmou profundamente uma nova ordem política. Permaneceu, pois, uma sociedade que, por ser ainda fortemente vincada pelas forças anteriores ao

sado em todos os sentidos. Portugal não era apenas Lisboa e vista somente em 8 horas.

Mas como era o Portugal dos fins de Séc. XIX princípios do Séc. XX?

É meu objectivo caracterizar sucintamente a Sociedade Portuguesa nos fins do Séc. XIX e princípios do Séc. XX, coincidindo com a chegada do primeiro missionário a Portugal, Clarence E. Rentfro, em Setembro de 1904.

Não devemos esquecer que o mundo do Séc. XIX é um vulcão autêntico, isto é, todo ele está a mudar. Os aspectos sociais e económicos são determinados pela influência da Revolução Industrial, os aspectos políticos pela influência da Revolução Francesa.

Dentro deste contexto, e conforme

maquinismo e ao Estado de cidadania, é adequado chamar de Antigo Regime». (Godinho, 1980, 166.)

Assim, a Sociedade Portuguesa estava nas garras de uma oligarquia nobiliárquico-eclesiástica, detentora de mais de 3/4 do solo e do melhor quinhão dos produtos da terra, numa economia predominantemente rural mas de agricultura rotineira e fraquíssima produtividade. O resultado desta situação vai dar origem a uma plebe ignorante, atolada na mendicância e cuja revolta se exprime sobretudo pelo banditismo, não pela reivindicação social. A emigração é um refúgio, uma tábua de salvação. No dizer de Raul Brandão, «(...) o homem do campo não tem pão para todo o ano e são raros os que passam de caldo e pão. (...) Quase todos os jornaleiros

Victor Alves

têm fugido para Espanha. (...) Ao lado destes jornaleiros e cavadores, enfileiram os operários, que não ganham também para comer, (...) O lavrador, por um hábito secular, entrega ao senhorio, no fim de cada ano, quase tudo o que a terra produz". (Raul Bradão, 1919, 386-388.)

O Portugal proletário dos começos do Séc. XX era escasso em número, analfabeto na maioria; o proletariado urbano mostrava-se presa fácil para políticos e filósofos, tanto da burguesia como até da aristocracia. Quer nas cidades quer no campo, o operário funcionava, regra geral, como clientela humilde de comerciantes, industriais e proprietários, para não falar da forte influência clerical que o distraía de quaisquer propósitos de rebelião organizada.

Sob o ponto de vista religioso, a Igreja, nos começos do Séc. XX, reorganizara as suas forças na maior parte dos países, depois de um longo período de declínio. Vai iniciar uma ofensiva geral contra o ateísmo e a apatia dos cristãos, um e a outra traduzidos nas maneiras mais variadas: livre-pensamento, cientismo, tolerância, republicanismo, democracia, socialismo, etc.

O primeiro concílio do Vaticano (1869/70) reafirmara os princípios tradicionais da igreja e lançou as bases da luta contra o «modernismo» e os seus males.

Apesar da Revolução Liberal, a Igreja Portuguesa era ainda uma das mais poderosas potências existentes no País. O Clero secular mal fora afetado pela legislação de combate às congregações.

A famosa lei de 1901 (Hintze Ribeiro) legalizara praticamente o regresso de frades e freiras, desde que se dedicassem a actividades educacionais ou caritativas.

Os Jesuítas mantinham o seu grande poder no ensino. A influência da Igreja fazia-se sentir um pouco por toda a parte, através dos asilos, dos hospitais, das sopas dos pobres, etc.

Noventa por cento da população

declarava-se católica. No entanto, podia-se aceitar a religião, mas repeliase o papel e a própria existência do clero. Aqueles 90% nem sequer correspondiam à realidade. A maioria dos habitantes do sexo masculino, em Portugal como em todos os países latinos do mundo, não «praticava». Religião era coisa de mulheres. A atitude dos homens era de franco afastamento religioso, quando não de ateísmo prático. Este fenómeno era mais visível nas cidades de Lisboa e Porto, dentro das classes médias, os intelectuais e o operariado.

Dentro deste contexto, podemos afirmar que a divulgação da mensagem adventista teve muitas dificuldades mesmo nas grandes cidades como Lisboa e Porto. Se nas maiores cidades do País a divulgação da mensagem tinha dificuldades, no interior e noutras cidades o problema era mais complicado. Carlos Rentfro, filho de Clarence Rentfro, em carta de 12 de Março de 1979, dizia o seguinte: «Fomos viver e trabalhar no norte, em Vila Nova de Gaia, no Largo da Bandeira, 93. A gente não respondia ao clarim evangélico nesses tempos. Pouco depois, em 1912, alugámos um prédio alto no Porto, na Rua da Boavista, 145.» Nestas curtas linhas podemos ver que as coisas não eram fáceis. Coisa curiosa é o local para onde foram morar - Largo da Bandeira. Este largo tinha uma função especial, a qual era servir de fronteira entre o exterior e o interior da Vila Nova de Gaia. O termo bandeira tinha a ver com a quarentena, isto é, era ali que os soldados estavam de guarda para evitar a passagem de alguém com problemas de peste.

É o próprio Carlos Rentfro que dá uma simples perspectiva da situação



Algumas reivindicações sociais: Tanoeiros esperando no Terreiro do Paço o resultado de uma conferência dos seus delegados com o presidente do conselho.

das mulheres de Caxias, onde os seus pais moraram numa quinta: «Aí plantámos mil mudas, e comíamos alface aos montões, em salada com tomate; e aipo com ovos. Mas tanto sobrava que os meus pais davam, às mulheres pobres, aventais cheios de alface!»

Entretanto surge a Revolução Republicana do 5 de Outubro de 1910. Clarence Rentfro relata o ocorrido da seguinte maneira: «Estalou uma revolução em Lisboa. Os comboios não correm. Devemos fazer uma bandeira» «(...) Os cultos do dia 8, um Sábado, haviam sido cancelados. O Pastor Clarence teve a ousadia de visitar os crentes ao correrem os comboios. Mas ainda estalavam balas. Uma zumbiu perto demais. Ele escapou pelo cais do Tejo, e escondeu-se na praia debaixo de um barco de pesca, até cessar o tiroteio forte. Mas queimou as mãos ao escorregar nas amarras.»

A divulgação da fé adventista em Portugal não foi fácil. O 28 de Maio de 1926 vai dar início a um longo período de ditadura a que chamamos Estado Novo, mas penso que este assunto já foge ao tema que nos propussemos tratar.

Licenciado em História, o Dr. Victor Alves é professor no CAOD e ex-departamental de Educação da nossa União.

Vós Sois as Minhas Testemunhas...

(Isaías 43:10)

90 anos de obra adventista em Portugal: início, desenvolvimento e irradiação para outros territórios de língua portuguesa



Igreja Central de Lisboa. Daqui a mensagem irradia para todo o país e territórios africanos de língua portuguesa.

No século XIX, apropriadamente chamado o século das Missões, organiza-se uma Igreja que desde o seu começo aceita o desafio lançado por Jesus: «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho eterno a toda a criatura» (Marcos 16:16). Este desafio levaria os seus dirigentes a empreenderem, mesmo em condições difíceis, o envio de missionários para fora da América do Norte.

O primeiro a sair é J. N. Andrews, enviado à Europa, para apoiar a nascente Igreja Adventista europeia. Chegado em Outubro de 1874, marcou o começo de uma nova era na Igreja Adventista. Era a expansão que começava, era o cumprimento da ordem de Jesus de espalhar o «Evangelho eterno». Referindo-se a Andrews, E. G. White escreveu: «Enviámo-vos o melhor homem que temos.»¹

«A sua disposição de lançar-se no desconhecido, de romper com os vín-

culos que o prendiam à sua terra e aos seus familiares - vendeu a sua casa e todos os seus pertences nos Estados Unidos antes de partir para a Europa - a sua generosidade e altruísmo, ao partilhar os seus dons e talentos com pessoas que não conhecia, ajudando-as a formar-se, criando-lhes instituições, organizando igrejas, lançando publicações na sua língua, advogando as suas necessidades junto da Conferência Geral; o seu interesse em aprender o seu idioma e assimilar os seus costumes e a entrega da sua vida, até à morte,² em trabalho abnegado e fiel em prol da expansão da verdade; tudo isto demonstrou junto da nascente Igreja Adventista do Sétimo Dia, o significado da missão, o desafio de uma obra de alcance mundial.»³

A projecção da Igreja Adventista na Europa começou logo a sentir-se através dos muitos meios usados por Andrews na evangelização.

Passados poucos anos, é E. G. White que passa algum tempo na Europa, de Agosto de 1885 a Julho de 1887. Ela pode viajar através do continente, usando meios bem diferentes dos actuais - barco, comboio ou as vituras puxadas a cavalos. Esteve na Itália, na França, na Suíça, na Noruega, na Suécia, na Inglaterra, etc. Era o despertar da Europa para a verdade da Segunda Vinda do Senhor - «Há uma grande obra a fazer na Europa. Todo o céu toma interesse, não somente em terras próximas e que necessitam de auxílio, mas também nas terras afastadas.»⁴

As suas preocupações abrangiam o nosso próprio país: «Há a Itália, a Espanha e Portugal, depois de tantos séculos de escuridão, franqueados à Palavra de Deus - abertos à recepção da última mensagem de advertência ao mundo.»⁵

Foi ainda no século XIX que se assistiu à primeira visita de um obreiro

adventista a Portugal. O Pastor Stephen N. Haskell,⁶ que numa viagem de Inglaterra para a África do Sul, passou por Lisboa a 21 de Julho de 1889, escreveu acerca dessa visita: «No domingo, pela meia noite, chegámos à foz do rio Tejo, onde estivemos ancorados até de manhã... Aqui nos abastecemos de carvão, e permanecemos até às 4 horas da tarde. (...) Foi o terramoto de Novembro de 1755, que o Profeta viu na Ilha de Patmos e que precedeu o escurecimento do sol em 1780 (Apoc. 6), o que tornou a cidade mais interessante para nós. Naquela altura Lisboa ficou reduzida a um montão de escombros. (...)

«A religião deste país é o Catolicismo Romano, mas a amenidade do clima, embora não dos mais sadios, e a beleza da situação da cidade, têm atraído às suas paragens grande número de europeus, especialmente ingleses, que se têm estabelecido na cidade. (...)

«Os portugueses são notados pela sua polidez. É concedido a todos a maior liberdade, de todas as partes, para expressarem os seus sentimentos nos jornais e em discursos públicos, tanto sobre assuntos políticos como sobre temas religiosos. (...) Ninguém que olhe para a obra de Deus sob o ponto de vista encarado por nós como povo pode deixar de ver nestas coisas uma providência de Deus que tem ido à nossa frente abrindo o caminho para que o conhecimento da verdade vá a cada nação e língua e povo.»⁷

No entanto, foi somente alguns anos mais tarde que um casal de jovens, Clarence Emerson Rentfro e Mary Loissette Haskell - ele, pastor, que havia frequentado ultimamente o Emmanuel Missionary College (1902) e havia feito uma boa experiência em trabalho de colportagem, e ela, enfermeira diplomada pelo Sanatório de Iowa - embarcaram em Nova Iorque a 10 de Setembro de 1904, a bordo do navio «S. S. Philadelphia», com destino a Londres. Eram acompanhados por seu filho Charles, de 6 meses de idade. Eles haviam recebido um apelo para se dirigirem a Espanha como missionários. Chegadas a Londres, encontraram um telegrama que desviava o seu destino para Portugal. Tomaram então o navio «S. S. Madalena» e chegaram a Lisboa a 26 de Setembro de 1904, portanto, há 90 anos.

Podemos imaginar o barco subin-

do suavemente o rio Tejo. O olhar daqueles jovens espreado sobre as pequenas povoações das margens e, finalmente, um cais, onde, por mais que o seu olhar buscasse, não encontravam nenhum rosto conhecido ou amigo.

25 de Setembro de 1904: Não há nenhum adventista e Portugal.

26 de Setembro de 1904: Passa a haver dois - que não conhecem a língua, não têm onde viver e que dentro em breve vão ter sérias dificuldades para subsistir no seu campo missionário.

No entanto, dois dias depois do desembarque, estavam instalados numa casa em frente ao Jardim da Estrela.

«A casa era apertada. Para conseguir ar fresco, os jovens, com o seu bebé, o Carlinhos, passavam horas no jardim, absorvendo as conversas de que pouco entendiam, e a dar revistas a quem as aceitava.»

«Começaram o estudo do português com Dona Barata no dia 7 de Outubro, onze dias depois de desembarcarem.»⁸

É longa a história das dificuldades passadas por este casal nos seus primeiros tempos em Portugal, mas muito mais importante é lembrar que a 17 de Abril de 1906 o pastor Clarence pregava já em português e que a 13 de Agosto do mesmo ano uma sala foi aberta na Rua de S. Bernardo à Estrela, n.º 120-1.º

No dia 21 de Setembro às 20 horas, no rio Tejo eram baptizados os primeiros frutos do trabalho destes pioneiros. Foram eles Maria Morgado de Figueiredo, Lucy Portugal, António Vítor de Figueiredo e Alberto Carlos de Figueiredo. No mesmo ano, a 6 de Dezembro, foram ainda baptizados João Baptista de Figueiredo e esposa Maria da Conceição Figueiredo. No fim de 1906, dois anos depois da chegada do casal Rentfro, havia 8 membros da igreja adventista em Portugal. Daí para cá, quantas igrejas abertas, quantos milhares de baptizados, quantas igrejas construídas, quantas escolas estabelecidas, quantos livros, revistas e folhetos editados, quantas horas de emissões de rádio emitidas! Quão grandes coisas o Senhor tem feito entre nós.

Lôgo desde o início, a imprensa portuguesa se deu conta da existência duma igreja diferente e várias vezes a noticiou e outras vezes a atacou.

A revista *Ilustração Portuguesa*

apresentou um artigo intitulado «Nova religião em Portugal - A Igreja adventista». Noticiava ela: «A religião adventista, que há três anos apareceu em Lisboa, é um desses rebentos da árvore evangélica, novo de pouco mais de meio século. (...) O apóstolo incumbido de trazer a boa palavra foi o senhor Rentfro, que desde Setembro de 1904 se acha entre nós a pregá-la, tendo conseguido já obter uma dúzia incompleta de adeptos. (...) Tal é a doutrina que se prega, às quartas-feiras e sábados, na modesta sala de uma casa vulgar da Rua de S. Bernardo, onde está o templo adventista. Esse templo não possui imagens, e a sua decoração é simples, consistindo especialmente em panos pintados onde estão escritos versículos do Velho e Novo Testamento, e números para a comparação de diversos textos bíblicos entre si, ou desenhadas figuras cujo significado simbólico não é, por vezes, muito fácil de apreender.»⁹

No seu relatório, apresentado na assembleia da União latina em Agosto de 1909, dizia o pastor Rentfro:

«No decurso destes últimos anos, tivemos reuniões em Lisboa e Porto, as duas principais cidades de Portugal. Na primeira temos um local com uma centena de lugares; o auditório varia entre 40 e 50 pessoas. As reuniões têm lugar 4 vezes por semana, incluindo o sábado. Em Janeiro tivemos três baptizados; outras três pessoas foram baptizadas em Junho, outras sê-lo-ão em breve. Depois da partida de Ernesto Schwantes para o Brasil, fui secundado por um colporteur; em Abril, começou a trabalhar um segundo colporteur. Desfrutamos completa liberdade em Portugal e aproveitamos esse privilégio para espalhar a verdade.»¹⁰

A propagação da mensagem não foi rápida pois nos centros mais pequenos encontrou-se resistência. Membros leigos e obreiros, que juntos colaboravam na propagação do Evangelho, foram perseguidos, viram-se cercados nas casas em que as reuniões se realizavam, colportores foram presos. A imprensa local e religiosa atacou sem dó nem piedade os mensageiros da bem-aventurada esperança. No entanto, pouco a pouco, novos focos de luz eram abertos e cresciam. A colportagem desenvolvia-se, apesar dos problemas encontrados. A página impressa penetrava nos lares, levada por um grupo sempre crescente de fiéis servos de Deus. A

obra de educação, com os seus altos e baixos, desempenhou ao longo destes noventa anos um papel importante, servida por fiéis e devotados professores.

Mas a influência da União Portuguesa manifestar-se-ia nas missões fora do território metropolitano.

Madeira e Porto Santo

O primeiro campo a ser atingido foi a Ilha da Madeira. A primeira notícia da passagem dum pastor adventista na ilha foi publicada na *Review and Herald* de 24 de Setembro de 1889. Foi seu autor Stephen N. Haskell que de Londres, passando por Lisboa, se dirigia para a África do Sul. Passou na Ilha da Madeira a 24 de Julho de 1889.¹¹

Alguns anos mais tarde, outro elemento da Conferência Geral, Warren E. Howell, secretário do Departamento de Educação, viajou longamente pelo mundo e numa das suas viagens aportou à Ilha da Madeira, a 1 de Agosto de 1933. Dali escreveu um artigo que foi publicado na *Review & Herald* de 25 de Janeiro de 1923.

Ele escrevia «debaixo de uma figueira, num monte sobranceiro ao Funchal», e terminava: «Eu disse isto de uma maneira bastante breve e simples com a esperança de que algum leitor possa interessar-se e sentir o fardo de levar a este povo a mensagem do terceiro anjo.»¹²

Alguns anos mais tarde, em 1930, um madeirense que trabalhava no Hawai, o Ir. Joaquim Gomes da Silva, sentiu-se impressionado com aquele apelo e veio para a Madeira, a fim de realizar trabalho missionário através da colportagem. Por meio deste trabalho procurava despertar o interesse das



Antiga igreja do Funchal.

pessoas para o estudo das Sagradas Escrituras. Deste labor, por vezes difícil, várias pessoas começaram a receber estudos bíblicos e em Março de 1931 instala-se no Funchal o primeiro obreiro adventista, o Ir. E. P. Mansell, que continuou o esforço feito, incrementando os estudos bíblicos, as reuniões públicas e distribuindo largamente literatura.

Em 29 de Julho de 1932 eram batizados os primeiros crentes - 14 almas mais precisamente.

O pastor E. P. Mansell manteve-se na Madeira até 1934. Houve um longo caminho percorrido desde esse momento. A ligação estreita entre membros leigos e obreiros fez com que a obra progredisse e que além da Madeira, com as suas duas igrejas (Funchal e

Caníço), também a Ilha do Porto Santo fosse alcançada.

Açores

Outra missão que recebeu apoio da União Portuguesa foram os Açores.

G. R. Drew, de Inglaterra, era um homem que fora marinheiro e capitão de navio durante 15 anos. Ouviu a mensagem adventista enquanto estava no porto de S. Francisco e aceitou-a. Durante 7 anos permaneceu na Califórnia, estudando a Bíblia.

Em 1882 voltou para Inglaterra, acompanhando um grupo de obreiros de que fazia parte o pastor Loughborou e envolveu-se no trabalho de colportagem nas docas de Liverpool. Procurou então, dada a sua ligação com barcos, enviar por estes literatura para vários pontos do globo. Relata ter enviado publicações, por barco, para a Ilha de S. Miguel, em 1892, mas nunca soube o resultado desse trabalho.¹³

O trabalho chegou a essa ilha através da acção de colportores. Devido a essa acção um pequeno núcleo começou a reunir-se em casa da Ir.^a Maria da Glória Soares. Em Setembro de 1934 desembarcava em S. Miguel o pastor E. P. Mansell, que alugou uma casa no centro da cidade, e a 12 de Dezembro de 1935, realizava-se o primeiro baptismo de seis pessoas.¹⁴

Na lomba de S. Pedro, o trabalho começou no tempo do Ir. Orlando Costa, na década de sessenta.

A mensagem chegou a Angra do Heroísmo em 1937, também através do contacto de um colporteur com José Mendes de Sousa, que veio a ser batizado, com mais cinco membros, em 1942. O primeiro obreiro a residir ali foi o pastor Samuel Reis.¹⁴

Nas Lajes (a igreja actualmente encontra-se situada em Vila Praia da Vitória), a mensagem foi lançada através do trabalho do Ir. Fernando Farinha e do obreiro Lutero Simões. As reuniões tinham lugar em casa do Ir. Manuel da Costa.¹⁴

Na Ilha do Pico, a mensagem penetrou através duma crente natural da Ilha e residente nos Estados Unidos, Irmã Lídia Madsen, que ali chegou em 1947 e que durante cinco meses apresentou a mensagem adventista a seus familiares e amigos. Construiu uma capela à sua custa (no cais do Pico) e em 1948 chegou ali o primeiro obreiro que no ano seguinte baptizava 24 almas.



Antiga escola do Funchal.

Uma outra igreja foi construída por um membro de igreja nos Fetais da Piedade.¹⁴ Quantos açoreanos receberam a mensagem adventista e estão hoje espalhados pelo mundo é difícil de conhecer!

Cabo Verde

Outra missão em que a União Portuguesa teve influência predominante foi Cabo Verde. Foi em Outubro de 1892 que L. C. Chadwick passou em Cabo Verde, na sua viagem para outros territórios africanos. Parece ter sido o primeiro obreiro adventista a pisar solo caboverdeano.

A saída de caboverdeanos de sua terra, em busca de melhores condições de vida, levou o Ir. António Gomes, natural da Ilha Brava, até aos Estados Unidos, onde conheceu a mensagem adventista.

O Ir. Gomes contou «que certa noite, ao ler a Bíblia, sentado no seu quarto, sentiu-se sacudido misteriosamente. Chamou a esposa que estava lavando, e perguntou-lhe se ela não tinha sentido um abalo sísmico? Não! Foi a resposta. Isto repetiu-se mais duas vezes. Ajoelharam e pediram esclarecimento a Deus. Na noite seguinte, sonhou que um mensageiro lhe indicava a Ilha Brava e o seu dever de levar o Evangelho aos seus. Três dias depois estava a caminho de Cabo Verde, tendo ali chegado em Novembro de 1934.¹⁵ Faz agora sessenta anos.

A recepção que teve, quando começou a falar da verdade e a distribuir folhetos, não foi muito favorável. Certo dia, quando estava estudando as Sagradas Escrituras com algumas pessoas interessadas, foi-lhe atirada uma pedra que partiu a cadeira onde estava sentado. Quando o Ir. António Gomes deixou a Ilha, ficaram inúmeras pessoas desejosas de serem baptizadas. A 16 de Julho de 1935 chega a Cabo Verde, Ilha Brava, o Pastor Alberto Raposo, que ali permaneceu até 1941.

Em artigo publicado na *Revista Adventista*,¹⁶ o Pastor A. Raposo escrevia, no momento do regresso:

«Deixamos na ilha trinta e tantos membros baptizados e uma dezena de candidatos. O trabalho está-se fazendo em dois lugares onde temos os nossos membros, na igreja propriamente

dita, na freguesia da Senhora do Monte¹⁷ e numa sala alugada no formoso lugar de Nova Sintra.

«Foram seis anos de boa convivência que nós verdadeiramente tivemos com os membros da família bravense e, por isso mesmo não a podemos esquecer. «Também na Ilha do Fogo deixámos um grupo de crentes na grande aldeia de Ribeira do Ilhéu, situada ao norte, a 36 kms da cidade de S. Filipe. Estes crentes eram já evangélicos quando começaram a ler os nossos folhetos e depois de convite insistente fui com minha mulher visitá-los nos fins de Fevereiro deste ano [1941]. Fizemos três reuniões diárias com boa afluência durante nove dias, fazendo estudos bíblicos e enviando livros. Deixámos uma sala alugada e o grupo organizado para realizarem dois cultos por semana - o sábado e a reunião de oração às quintas-feiras.»

Os primeiros 15 baptismos em Cabo Verde realizaram-se em Março de 1936.

Guiné

A Guiné foi um território onde, apesar da colportagem se realizar há longos anos, a mensagem adventista teve dificuldade em penetrar.

Segundo a *S. D. A. Encyclopedia*, havia em 1963 duas senhoras, tia e sobrinha, que guardavam o sábado, pela mensagem que haviam lido num dos livros colocados pelos nossos colportores. em 1955: *A nossa época e o Destino do mundo*.¹⁸

Durante a minha permanência em Cabo Verde e Praia (1950-52), dois crentes de nossa igreja, um enfermeiro de nome Raul e uma jovem baptizada, foram viver para a Guiné. O então director da Missão visitou-os em 1952.

Em Novembro de 1955 Gregório Rosa é o primeiro obreiro a ir viver para a capital, Bissau.¹⁸



Inauguração da igreja de São Tomé.

São Tomé e Príncipe

Outro campo missionário a merecer atenção da União Portuguesa foi São Tomé e Príncipe.

Ali realizou trabalho de colportagem, em 1936, José Freire. Em Fevereiro de 1938, José Freire volta a S. Tomé como missionário. Na *Revista Adventista*, José Freire escrevia aquando do seu regresso à metrópole, a 19 de Maio de 1941:

«Atrás de mim ficava uma igreja recém-nascida. Deus deu-me o privilégio de poder sepultar nas águas do baptismo trinta e uma almas.»¹⁹ Os primeiros baptismos haviam-se realizado em Fevereiro de 1939.²⁰ A igreja em S. Tomé teve sempre um excelente suporte escolar a partir de 1946 e estendeu-se para outros lugares na ilha, Trindade, Santana, Neves, Bombom, e para o Príncipe.

Angola

Surgem agora dois vastos territórios onde, apesar da mensagem adventista ter penetrado vinda de outros lados, a União Portuguesa teve uma influência extraordinária, tanto no envio de missionários como no de Colportores que frequentemente visitavam aqueles territórios, e no envio de literatura - livros, revistas, etc.

W. H. Anderson fez parte do grupo de pioneiros adventistas que estabeleceram no Solusi a primeira missão adventista, em África, em Julho de 1895. Viajando em carro de bois desde o Cabo, o grupo era constituído por Anderson, G. B. Tripp, Dr. A. G.



A igreja de Nova Lisboa.

Carmichel e Fred Sparrow. As condições climáticas e tribais não eram muito favoráveis. Em 1898, quatro mortes por doença atingem o depauperado grupo: Dr. A. G. Carmichel, G. B. Tripp e seu filho George, e a sra. Armitage. Pude ver no cemitério do Solusi as campas destes pioneiros e doutros missionários que deram as suas vidas para que um empreendimento, para o qual olhavam cheios de entusiasmo, fosse uma realidade.

Anderson, um dos sobreviventes, continuou as suas viagens em várias direcções, para o estabelecimento de outros postos missionários. Em 1922 foi convidado a fazer uma viagem de prospecção em Angola, a fim de encontrar um lugar onde estabelecer o primeiro foco de Luz do Evangelho.

Uma parte da viagem, desde o actual território da Namíbia até Angola, foi feita em carro de bois a uma média diária de 20 a 25 kms. Chegado à fronteira de Angola, atravessou o Cunene, «explorou em volta de Moçâmedes, Caconda e, finalmente, chegando à região dos Umbundos, no planalto, foi até à pequena povoação do Lepi. Depois de explorar essa secção, decidiu-se pelo local que chamamos Bongo. Tinha andado mais de 120 0 kms, durante seis meses.»²² Como relatou sua esposa, «em 1924 o Pastor Baker, sua família, meu marido e eu, fomos para Angola a fim de iniciar o trabalho.»²²

Logo no mesmo ano de 1924, W. Anderson e sua esposa marcham para leste, onde é escolhido o local da Missão da Luz, que é ocupada pela famí-

lia Bredenkamp. Em 1926 é estabelecida a Missão de Nova Lisboa; a Namba em 1927; Lucuse em 1932; Cuale em 1934; Quiuco em 1951. Destes lugares, a obra, nestes setenta anos da sua existência, espalhou-se em milhares de igrejas e escolas na cidade e no mato, em dispensários e no afamado Hospital do Bongo, começado pelo Dr.

Tongue e continuado pelo Dr. R. Parsons.

Em 1925, o primeiro professor português iniciava o seu trabalho no Bongo. O primeiro colportor em Angola parece ter sido Heliodoro B. Vieira, em 1943. Jerónimo Falcão seguiu como colportor em 1946. Começa o envio de professores com A. Rodrigues, J. Esteves, A. Candeias, A. Casaca, V. Chaves, J. Sá, etc., etc., etc. São dezenas de obreiros portugueses, de todas as especialidades, que deixam a União Portuguesa, para servirem naquelas Missões. O primeiro responsável português pela União de Angola é M. Lourinho, em 1951.

A colaboração da União Portuguesa foi inestimável ao longo **destes setenta anos da obra em Angola.**

Moçambique

Finalmente, chegamos a Moçambique. Corria o ano de 1931 quando dois jovens moçambicanos estavam de regresso à sua terra depois de terem estudado na nossa Missão de Malamulo.²⁴

O nome de um deles era Horácio Pena, com quem trabalhei ainda em Munguluni.

Quando chegaram à sua terra (Milange), começaram imediatamente a partilhar a sua fé e pouco tempo depois davam notícias de que tinham cerca de

meio milhar de pessoas em classes do estudo da Bíblia. Entretanto, dois missionários de Malamulo fazem uma visita de prospecção ao norte de Moçambique - O. U. Guidings e Max Webster.²⁵

No ano de 1933 Webster é enviado para estabelecer uma missão na área do Lugela, distrito de Quelimane, em Munguluni. A autorização governamental foi dada em 1935.

O primeiro professor português enviado foi Carlos Gouveia, em 1939. Num artigo publicado na R.A., escrevia:

«Nesta colónia de 771.133 km², a Missão de Munguluni é a primeira guarda avançada dos Adventistas do Sétimo Dia contra as trevas do paganismo, que roubam a esta pobre gente a saúde e o dinheiro.

«A todos nós nos anima o bom desejo de trabalhar activamente em prol deste povo, tornando-o mais forte, moral e fisicamente.(...) Além das habituais reuniões que fazemos aqui na Missão, também muitas vezes saímos às aldeias vizinhas a pregar o Evangelho.»

Seguiu-se, como professor, Samuel José Graça, em Fevereiro de 1949.

Em Lourenço Marques vivia uma família, Lamarque, vinda das Ilhas Maurícias em 1918, e que guardavam o sábado na sua própria casa. Em 1935, a família Inocentes, de Portugal, junta-se-lhes e em 1944 chega o primeiro colportor.²⁵

Na Beira é baptizado, em 1951, Daniel Marawa, **graças ao trabalho da Escola Bíblica Postal enviada a partir de Portugal.**

Desde pontos a mensagem espalhou-se por grandes regiões de Moçambique, especialmente a Zambézia.



Igreja Adventista de Maputo, antiga Lourenço Marques.

A obra realizada ao longo destas dezenas de anos, em Portugal e nos territórios de língua portuguesa, é notável. Nela estiveram envolvidos os membros das igrejas que iam sendo organizadas e que desejavam partilhar com os outros esta Bem-aventurada Esperança.

Juntamente com eles, devemos recordar os obreiros - pastores, professores, colportores, médicos, enfermeiros, secretárias - que deram a sua boa colaboração, o seu amor o seu sacrifício. Relembro os que deram a sua vida nas missões, crianças e adultos, e que repousam nos campos missionários, aguardando a vinda do Senhor. O Salmista escreveu: «Foi o Senhor que fez isto, e é coisa maravilhosa aos nossos olhos» (Salmo 118:23).

Bibliografia

1. «Primeiro centenário da morte de J. N. Andrews», Carlos Puyol, R. A. Portuguesa, Dez. 1983.
2. Morreu em Basileia, na Suíça, a 21 de Outubro de 1883, com tuberculose, aos 54 anos.
3. Carlos Puyol, *Ibid.*
4. E. G. White, *Evangelismo*, p. 408.
5. *Ibid.*
6. Realizava uma viagem missionária à volta do mundo, que durou de 1889-1890. S. D. *Commentary*, vol. 10, p. 500.
7. A primeira visita conhecida de um obreiro adventista a Portugal - E. Ferreira, R. A. Portuguesa, Junho 1974.
8. «Para isto viemos ao Reino de Portugal», Charles A. Rentfro, R. A., Julho de 1979.
9. *Ilustração Portuguesa*, 15 de Abril de 1907.
10. «O movimento adventista nos passados cinquenta anos» - Folhas duplicadas, sem nome do autor.
11. E. Ferreira, R. A. portuguesa, Julho 1974.
12. «Warren E. Howell e o início da obra adventista na Madeira», E. Ferreira, R. A. Portuguesa, Novembro de 1984.
13. S. D. A. *Encyclopedia*, p. 353.
14. «Roteiro Histórico das Igrejas Adventistas em Portugal», R. A., Julho de 1979.
15. «História da nossa A. de Cabo Verde», Manuel Laranjeira, R. A., Outubro de 1962.
16. R. A. Julho-Agosto de 1941.
17. Edifício próprio construído a expensas do Ir. António Gomes, em 1938.
18. S. D. A. *Encyclopedia*, p. 1010.
19. R. A., Julho-Agosto de 1941.
20. S. D. A. *Encyclopedia*, p. 1148.
21. S. D. A. *Encyclopedia*, p. 1200.
22. «Abrindo caminho em Angola», Mrs. W. H. Anderson, *Boletim Adventista de Angola*, Abril de 1964.
23. R. A., Agosto de 1943.
24. Malamulo College, no Malawi, estabelecido em 1925.
25. S. D. A. *Encyclopedia*, pp. 233-234.

O Pr. J. Morgado, reformado mas activo, foi presidente da União Portuguesa de 1979-1992.

Uma Bíblia Aberta em Portugal

1994 é um ano especial em que lembramos dois marcos históricos da Igreja Adventista do Sétimo Dia:

1844-1994 – 150 anos desde o surgimento do Movimento Adventista no mundo, depois do Grande Desapontamento, em que, tal como predito em Apocalipse 10:11, «Importa que profetizes, outra vez, a muitos povos, e nações, e línguas e reis.»

1904-1994 – 90 anos decorridos desde que a Mensagem do Advento começou a ser pregada em Portugal.

Foi um pequeno começo: apenas um casal, que desconhecia a língua portuguesa, para pregar uma mensagem tão importante e tão decisiva! Importa, contudo, lembrar as palavras do Senhor a Zorobabel: «Quem despreza o dia das coisas pequenas?» (Zac. 4:10).

Desse começo humilde, em que apenas um homem e uma mulher tinham a responsabilidade de abrir a Bíblia ao povo e mostrar-lhes a promessa e sinais da Vinda de Cristo, a Igreja Adventista em Portugal cresceu e desenvolveu-se e hoje a missão de levar o Evangelho eterno a todo o Portugal repousa em nós, 7646 membros que somos. É a nós que compete anunciar que «ainda um pouquinho de tempo, e O que há-de vir virá, e não tardará» (Heb. 10:37).

E é nas Sagradas Escrituras que se fundamenta a nossa pregação. Na sua sabedoria, Deus preparou as coisas para que

quando chegasse o momento, nós pudéssemos dispor da Bíblia Sagrada na nossa própria língua...



Grupo de interessados que ficou como resultado das conferências públicas realizadas pelo pr. Paul Meyer, no Templo Evangélico de Portalegre.

«No século XVI, a Reforma, apresentando ao povo uma Bíblia aberta, procurava admissão em todos os países da Europa. Algumas nações receberam-na com alegria, como um mensageiro do Céu. Em outras terras o papado conseguiu em grande parte impedir-lhe a entrada: e a luz do conhecimento da Escritura Sagrada, com a sua enobrecedora influência, foi quase totalmente excluída.» (E. G. White, *O Grande Conflito*, p. 263.)

Como abriu a Bíblia o caminho para chegar até nós?

No seu livro *Como nos veio a Bíblia*, Edgar J. Goodspeed, pág. 113, diz:

«A história da Bíblia em português é cheia de lances dramáticos, e tão antiga quanto a da Bíblia inglesa, pois os primeiros ensaios de tradução

Pedro Brito Ribeiro



O Pr. H. W. Lowe, baptizando uma crente, resultado do esforço então iniciado e que era empregada da casa P. C. da Silveira, pastor evangélico, quando ainda Paul Meyer ali havia sido recebido com todas as honras.

datam dos tempos do rei D. Dinis (1279-1325) antes mesmo de Wyclif. A primeira porção traduzida foi os 20 primeiros capítulos do Génesis, da Vulgata Latina, pelo próprio rei D. Dinis, mas o Novo Testamento só mais tarde foi traduzido para português, talvez uns 50 anos depois de Wyclif, quando D. João I era rei (1385-1433), o qual ordenou a tradução dos Evangelhos, dos Actos e das cartas paulinas, trabalho que foi executado provavelmente por padres católicos, e certamente da Vulgata.

«À publicação das porções acima citadas, do Novo Testamento, se adicionou o livro dos Salmos, traduzido pelo próprio rei.» (*Como nos veio a Bíblia*, Edgar J. Goodspeed, Imprensa Metodista, S. Paulo 1957, pág. 103.)

«No século dezoito foi a Bíblia traduzida também em português, da Vulgata Latina, mas agora pelo Padre António Pereira de Figueiredo, antigo membro da Congregação do Oratório de Lisboa... Deputado da Real Mesa Censória e Sócio da Academia Real das Ciências». (*A Bíblia Sua História e Mensagem* – Edição da Sociedade Bíblica, Praça Luis de

Camões, 20, Lisboa, pág. 45.)

«Foi esta a tradução a princípio mais usada no seio do movimento Evangélico, então nascente em Portugal.

«Mais tarde a de Ferreira de Almeida tornou-se mais popular entre as igrejas do Norte e do Sul do país.» (*Ibidem*, pág. 45.)

A Luz da Verdade Abre Caminho Entre as Trevas do Erro

Com o elogio feito à igreja de Filadélfia – amor fraternal, «tendo pouca força, guardaste a Minha Palavra e não negaste o Meu nome» (Apoc. 3:8) – perante a «Porta aberta... à sua frente, por ela devia passar o Grande Movimento Evangélico que se tornou o prelúdio da Era das Missões Modernas, que vieram com o alvorecer do século dezoito.

Completam-se agora também quase 150 anos, desde que, na terra natal do signatário, Portalegre, a primeira Igreja Evangélica lançou as suas raízes. Tudo começou assim: «Em 1848 estabelecia-se naquela cidade um industrial Inglês, George Robinson, o qual trouxe o testemunho do Evangelho e aqui ficou implantado. É curioso que o enorme plátano existente no Rossio desta cidade foi plantado no ano da sua chegada, 1848.

«Cristão fiel, não tardou a testemunhar da sua fé aos Portalegrenses e a reunir na sua casa os interessados. Em 28 de Janeiro de 1882 fizeram profissão de fé os primeiros 4 cidadãos. Dois anos antes, resolvera comprar o ex-Teatro Emília das Neves, na rua dos Canasteiros, que adaptou a Templo e veio a ser inaugurado no último domingo de Abril de 1889, com o primeiro culto Evangélico.» (*Novas de Alegria*, Junho 1984.)

Desta história, que com gosto aqui narramos, devem destacar-se dois factos, também coincidentes com os primórdios do estabelecimento do Movimento Adventista em Portugal, que ora estamos comemorando, referentes tanto ao Templo como a um dos seus membros, o diácono José Alexandre Ribeiro, pai de dois dos primeiros membros adventistas baptizados em Portalegre, e também do signatário

destas linhas.

Quanto àquele, citamos ainda da mesma fonte:

«Recordamos, outrossim, o cristão colportor da Sociedade Bíblica, José Alexandre, o primeiro Portalegrense que se recusou a baptizar os filhos na Igreja Católica Romana. Muito haveria de sofrer esse fiel servo do Senhor, que percorreu o país de Norte a Sul, montado num macho, distribuindo as Sagradas Escrituras e testemunhando da sua fé: Certa vez prenderam-no, julgando-o por distribuir livros protestantes, mas foi absolvido. Graças a Deus.» (*Ibidem*) Note-se que esta prisão ocorreu em 1904, exactamente o ano em que o primeiro missionário Adventista, Clarence Rentfro, chegou a Portugal.

Quanto ao Templo, uma irmã da igreja de Lisboa, doente, acompanhada de outra irmã da mesma igreja, foram viver para Portalegre, numa dependência do Templo, por especial deferência do então seu Pastor, Pedro de Castro da Silveira, genro de George Robinson. Visitando-as, o Pastor Paulo Meyer, então presidente da Obra em Portugal, em Junho de 1920, aquele Senhor cedeu-lhe o salão da dita igreja para nela realizar algumas conferências religiosas, acompanhadas de projecções luminosas. Passado algum tempo esta porta fechava-se e também a porta do lar do sr. Silveira, onde o Pastor Meyer tinha sido recebido



como hóspede de honra, e isto devido ao facto do anfitrião haver sido informado pelos dirigentes evangélicos de Lisboa de que se tratava de um Pastor Sabatista. Nunca antes aqueles templo se havia enchido com tantos e tão atentos assistentes, como naqueles dias. Das mensagens ali pregadas destacamos, com emoção, pois, com 11 anos de idade, o signatário estava ali presente, a apresentação da estátua de Daniel, cap. 2.

«Quem desprezará o dia das coisas pequenas?»

Esta porta fechou-se, mas outras se abriram simultaneamente. Uma delas foi a dos meus pais, para receber a então obreira bíblica para ali destacada, Rosália Pires, que nos dava estudos bíblicos. A outra foi a da família Lourinho, na rua dos Silveiros 2, onde as reuniões continuaram, e durante 3 anos João de Sá ali pregou a Mensagem.

Destacaremos o versículo já atrás citado: «Porque quem despreza o dia das coisas pequenas? Pois esses se alegrarão...» (Zac. 4:10).

Com gosto, lembramos também que, como fruto da semente então lançada, surgiram desta cidade e deste concelho, cerca de três dezenas de obreiros – pastores, colportores, professores, enfermeiros, administradores e esposas de obreiros, alguns dos quais já descansam e outros ainda estão no activo – que contribuíram para evangelizar Portugal e não só, e ainda continuam a levar o facho da verdade. Louvado seja o Senhor!

O Pr. Pedro Brito Ribeiro, aposentado mas activo, trabalhou mais de 40 anos na administração da Igreja Adventista em Portugal, Ilha da Madeira e Moçambique.

Chaves e Vila Real: a Colheita

O dia 12 de Julho foi o dia da colheita para o florescente grupo adventista de Chaves.

Por conveniência, esta festa espiritual foi realizada na igreja de Vila Real. Oito pessoas - sete das quais de Chaves e quase todas jovens - decidiram-se pelo Senhor Jesus e puderam ser agregadas à família de Deus pelo baptismo. Refiro que cada conversão foi um milagre de Deus.

Entre as visitas, havia amigos e familiares dos nossos membros de Chaves que, juntamente connosco, louvaram a Deus e se enriqueceram com o programa espiritual oferecido pelos irmãos e jovens de Vila Real, incluindo o coro. Bendito seja o Senhor por tantas bênçãos recebidas!

Este acontecimento esteve na sequência de duas campanhas de evangelização: a primeira realizada na Páscoa, em Chaves, pelo signatário. A assistência de visitas foi muito significativa. Para o efeito, tiveram de ser feitas alterações ao espaço e o lugar de culto da sala de Chaves tem agora um aspec-

to acolhedor e mais digno para o fim a que se destina. Todos os irmãos se empenharam de modo surpreendente, mas não poderia deixar de referir o envolvimento sério do irmão Luís Torres, sua esposa e seus filhos, que dispuseram de dinheiro e meios pessoais, tal como a carrinha de nove lugares para assegurar o transporte de uma parte dos irmãos e visitas. Aliás, este é um trabalho que ele presta ao longo de todo o ano.

O grupo de Chaves vai este ano ainda propôr-se a Igreja e merece a honra de ser a igreja mais a norte de Portugal. Fica a escassos 7 Km da fronteira com a Espanha.

A segunda campanha foi realizada na igreja de Vila Real pelo Dr. Daniel Esteves, entre os dias 3 e 11 do mês de Junho, e aqui, também, vimos a mão do Senhor a intervir. As visitas, embora em menor número que em Chaves, foram alvo de uma atenção particular. Quatro delas estão a estudar a Palavra do Senhor. Mais uma vez digo: Bendito seja o Senhor a quem amamos, pois estamos certos que não estamos sós nesta obra.

Mário Cabral dos Santos

Pastor da Igreja de Vila Real de Trás-os-Montes



Os novos irmãos acompanhados pelo pastor

Reunião Espiritual e de Confraternização das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia em Trás-os-Montes

Havia muito boas razões para que os cerca de 300 irmãos e amigos, presentes na linda igreja de vila Real, se sentissem felizes no Sábado dia 2 de Julho.

Além de ser um dia inspirador, dinâmico e formativo, foi um dia especial de reunião espiritual e confraternização para as igrejas e grupos do Norte de Portugal. Estiveram presentes representantes de Braga, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Viseu, Canelas, Guarda, CAOD e a presença poderosa das igrejas de Trás-os-Montes: Chaves, Macedo de Cavaleiros, igreja anfitriã e ainda irmãos de Baião, Bragança, Tabuaço e Valpaços. Por falta de espaço e por dificuldades de registo, deixamos aqui uma desculpa para os irmãos de vários outros lugares porventura presentes e não mencionados.

Para esta assembleia espiritual foram convidados os pastores: Teófilo Ferreira, professor da Faculdade de Teologia em França; Ezequiel Quintino e Paulo Mendes da União Portuguesa.

Às dez horas, o nome do Senhor começou a ser exaltado com o início da Escola Sabatina. Dirigiu a lição - a primeira deste trimestre - o irmão José Duarte, da igreja de Braga. Na hora solene de louvor, que se seguiu, administrou o culto o Pr. Ezequiel Quintino e a Palavra do Senhor foi-nos partilhada

pelo Pr. Teófilo Ferreira.

Depois do almoço, voltámos ao convívio para nova experiência com o Senhor. Intervieram os pastores: Ezequiel Quintino, Teófilo Ferreira, Joaquim Casaquinha, José Manuel de Matos e Domingos Freixo. Todas estas intervenções mostraram aos presentes os planos da Obra em Portugal para os tempos mais próximos, de acordo com o departamento que dirige e o quanto o Senhor nos tem abençoado ultimamente.

Consideramos de excepção os temas do Pr. Teófilo, que falou sobre a expansão da Igreja no mundo e do Pr. José Manuel de Matos que relatou uma experiência maravilhosa do quanto a nossa Igreja pode fazer em colaboração com as autarquias locais.

Somado ao calor intenso que se sentia, tudo isto teria sido

penoso se não fosse a participação musical das igrejas de Braga, Vila do Conde, Oliveira do Douro - CAOD e Vila Real, que permearam cada apresentação com cânticos de louvor ao nosso Deus e de apelo à fé e ao trabalho.

Foi lindo ver em Trás-os-Montes um encontro com um número tão elevado de crentes, todos eles muito alegres e expectantes, pois muitos vinham pela primeira vez conhecer em Vila Real um lugar de culto onde o nome do Senhor pode ser louvado com dignidade.

Ficou-nos a saudade e a esperança de uma próxima vez... aqui no Norte!

Mário Cabral dos Santos

Pastor de Vila Real de Trás-os-Montes

coisas realizadas neste dia.

Não faltaram os cânticos, as flores e os apelos. Era inspirador presenciarmos a sala de culto completamente cheia, não somente por irmãos de Espinho, mas também por irmãos de outras igrejas, assim como por muitas visitas convidadas pelos nossos irmãos, e pelos baptizados, que irradiavam dos seus

rostos a felicidade, a alegria e o louvor.

O sábado foi terminado com um louvor ao nosso Deus, pelos milagres da conversão que Deus está realizando através do Espírito Santo.

José Albino Vieira

Pastor da igreja de Espinho

Notícias da Igreja de Espinho

Pela graça de Deus, realizou-se no sábado 4 de Junho, na igreja de Espinho, uma ce-

rimónia baptismal, em que cinco preciosas almas se entregaram a Jesus através do baptismo.

Para o efeito, e como é apágnio desta igreja, foram feitos preparativos eficientes e com muito cuidado e oração, para que o nome de Deus fosse glorificado em todas as pequeninas

Missão Global - As novas igrejas de Brandoa e Vila Chã

O desafio lançado pela Conferência Geral de dar cumprimento à grande Comissão ordenada por Jesus em S. Mateus 28:19-20 encontrou também eco no coração da Igreja Adventista Portuguesa.

Estamos conscientes de que antes da vinda gloriosa de Jesus, o Evangelho do Reino terá sido pregado a toda a nação, tribo, língua e povo de acordo com Apocalipse 14:6-8.

Não podemos ficar indiferentes a um tal desafio e, por isso, esforços estão sendo feitos neste momento no sentido de pregar o Evangelho aos vários grupos étnicos existentes no nosso país, nomeadamente, Ciganos e Africanos.

Ciganos

Há já algum tempo que se tem trabalhado entre este grupo étnico que existe em Portugal há muitas décadas. Já em 1963 um irmão de Canelas se esforçou por evangelizar os que

se encontravam na sua área. Houve, certamente, circunstâncias que impediram que esse trabalho fosse continuado. Agora, porém, recomeçou-se na área de Macedo de Cavaleiros, através dos esforços dedicados do colporteur-evangelista Manuel Fernandes e, pela graça de Deus, os primeiros frutos foram já colhidos, pois foram baptizados cinco ciganos.

Também na área de Lisboa (Brandoa) o Colporteur-evangelista Francisco Monteiro não se tem poupado a esforços e mesmo a sacrifícios para tornar conhecido o Evangelho salvador entre esta bem difícil etnia. Pelo seu espírito de abnegação, paciência e amor cristão, o irmão Francisco Monteiro é muito apreciado entre os ciganos da Brandoa e Falagueira e por isso já conseguiu conduzir aos pés de Cristo, através do baptismo, três ciganos muito preciosos, Carlos, Natália e Salete. Estamos certos de que em breve outros lhes seguirão o exemplo.

Acreditamos que estas conversões foram genuínas, pois na cultura cigana os casamentos constituem contratos feitos pelos pais dos nubentes, mas sem qualquer reconhecimento oficial da parte das autoridades do país. Isto faz que os filhos, perante a lei, sejam todos filhos de mães solteiras. Porém o Carlos e a Natália, ao tomarem



Os novos irmãos de Espinho, ladeados pelo casal pastoral

conhecimento deste facto, pensaram que como cristãos deviam estar legalizados. E foi assim que na sexta-feira, dia 23 de Julho, se dirigiram ao Registo Civil da Amadora para legalizarem a parte civil do matrimónio. Disso o irmão Francisco Monteiro e o signatário são testemunhas. Mas as coisas não ficaram por aí. Os irmãos Carlos e Natália quiseram pedir as bênçãos de Deus sobre o seu matrimónio. No domingo, dia 25, na nossa sala da Brandoa, num ambiente festivo e com a presença de vários irmãos, o pastor Joaquim Dias, depois de uma apropriada alocação sobre o assunto, pediu a bênção de Deus sobre este casal, que, segundo acreditamos, se transformará num casal missionário entre os ciganos. O Carlos, a Natália e mais dois dos seus irmãos vieram este ano ao Seminário Maranata para aprender a partilhar a mensagem que os torna felizes.

Desejamos aos irmãos Manuel Fernandes e Francisco Monteiro, e suas respectivas famílias, as mais ricas bênçãos de Deus, e que continuem com dedicação o trabalho que Deus lhes designou.

Africanos

Também neste grupo étnico se estão fazendo esforços para alcançar o maior número de africanos para Cristo.

Após uma campanha realizada pelo pastor Luis Nunes, subordinada ao tema «Primavera no Vale», os irmãos africanos pertencentes à igreja da Baixa da Banheira decidiram lançar-se na conquista de africanos para Cristo. Deste modo alugou-se uma sala em Vila Chã, onde os irmãos fazem as reuniões espirituais e conferências evangelísticas. Com tal dedicação o trabalho tem sido feito, que a sala já se torna pequena. Pelo trabalho dos nossos

irmãos, adventistas vindos de Angola e Moçambique, que desde então não mais frequentavam a igreja, foram encontrados e encorajados a estar presentes nas reuniões. Os nossos irmãos não somente trabalham em favor dos africanos com a mesma cor de pele, mas também trabalham com europeus. É assim que podemos ver nesta igreja várias famílias europeias que se sentem bem num ambiente alegre e acolhedor. Podemos chamar-lhe uma igreja multirracial.

Do dia 10 ao dia 17 de Abril, houve uma campanha evangelística levada a efeito pelo pastor Joaquim Sabino, e no final da mesma, esta igreja foi enriquecida com mais nove preciosas almas que entregaram as suas vidas a Jesus através do baptismo. Desde então já houve mais uma campanha conduzida pelo pastor Ilídio Carvalho e mais seis pessoas estão prontas para o baptismo.

Alegramo-nos pelo sucesso que a igreja de Vila Chã está tendo e desejamos ao pastor da mesma, irmão Coquenão Pedro de Freitas, e a sua família, que terminaram os seus estudos em Friedensau, na Alemanha e estão presentemente a trabalhar nesta área sob a direcção do pastor Joaquim Sabino, as mais ricas bênçãos de Deus.

Gostaríamos também de nos voltarmos para as comunidades Islâmica e Judaica. Nós, Adventistas, somos aqueles que, pela graça de Deus, estamos melhor situados para contactos com ambas as comunidades, visto que temos pontos comuns que muito caracterizam tanto Adventistas como Islâmicos e Judeus. Que o Senhor nos dê o tacto e a coragem para isso!

Joaquim Casaquinha

Departamental do Ministério Pessoal da União Portuguesa

Tomar – Baptismos

16 de Julho foi, na nossa igreja, um dia de verdadeira «festa espiritual». Tivemos, com muita satisfação, a visita do Pr. Joaquim Casaquinha, departamental da União, que tomou a palavra na hora do culto solene, dizendo que temos necessidade de ser o Sal da Terra, na hora crítica em que vivemos.



Os novos irmãos de Tomar ladeados pelo pastor e esposa

Os baptismos foram realizados pelo Pr. Daniel Martins, que antes examinou os candidatos.

À Célia, Sofia, Verónica (jovens do Entroncamento) Hélder Filipe, Sérgio Alexandre, Maria da Conceição e Maria José, nossos irmãos em Cristo, desejamos que **Jesus possa ser sempre em toda a vossa vida o vosso melhor e fiel amigo.**

Gostaria de apelar aos irmãos de Abrantes, Entronca-

Na parte da tarde, embora com uma temperatura muito elevada, a igreja estava completamente cheia, mas era um dia muito especial, direi, um dia de alegria na terra e no Céu, pois algumas almas - 7 - seriam sepultadas nas águas do baptismo.

O sermão esteve também a cargo do nosso estimado amigo Pr. J. Casaquinha que, com as suas palavras, nos tocou o coração para a necessária reconsecração. E às visitas, pois várias responderam ao apelo para um estudo mais profundo da Palavra de Deus.

mento e Tomar para que se esforcem cada vez mais, a fim de que muitas almas possam num futuro breve aceitar Jesus como único Senhor e Salvador.

Aos leitores da R.A., por favor, orem pelo trabalho do Senhor que se está a realizar neste distrito.

Olívia Martins

Igreja de Tomar

REVISTA ADVENTISTA

Presença constante do crente adventista português, há 55 anos!

Endereços das Igrejas e Salas de Culto

ABRANTES: Av. Defensores de Chaves, 23
ALBERGARIA-A-VELHA: Rua Srpa Pinto, 63
ALMADA: Rua da Liberdade, 33 A
ALPENDURADA: Vinha do Além
AMADORA: Rua 1.º de Maio, 27 A
ARCOS DE VALDEVEZ: Largo da Valeta, 18
ARGANIL: Rua Armando Nogueira de Carvalho, 3
ATALAIA DO CAMPO: Igreja Adventista
ATALAIA DO GAVIÃO: Igreja Adventista, Rua da Amieira
AVEIRAS DE CIMA: Quinta da Fonte Santa
AVEIRO: Rua Castro Matoso, 38
AVINTES: Rua das Agradas
BAIXA DA BANHEIRA: Rua António Sérgio, 37 A
BARREIRO: Rua Júlio Dinis, 16
BRAGA: Travessa Conselheiro Lobato, 50
BRANDOA: Rua Joaquim Tim Tim Sitima, Lt. 2
CADAVAL: Rua Padre José Inácio Pereira
CALDAS DA RAINHA: Rua Vítor Lopes, 24
CANELAS: Rua Delfim de Lima, Lugar do Padrão
CARREGAL DO SAL: Rua Alexandre Braga
CASCAIS: Rua Marquês das Minas, 3
CASTELO BRANCO: Quinta do Amieiro de Cima, Lote 40
CATUJAL: Rua 13 de Dezembro, 6
CELORICO DA BEIRA: Rua das Escolas - S. Pedro
COIMBRA: Rua Teixeira de Carvalho, 22
COMENDA: Rua D. Delfina Pequito Rebelo, 38
CORROIOS: Rua Cidade Porto Amélia, 8
ELVAS: Av. António Sardinha, B.º Novo Cidade Jardim
ENTRONCAMENTO: Rua 5 de Outubro, 73
ERMESINDE: Rua Rodrigues de Freitas, 74
ESCOLA OLIVEIRA DO DOURO: Rua do Jorgim, 166
ESPINHO: Rua 26, n.º 1817
ÉVORA: Largo do Chão das Covas, 22
FARO: Praça Alexandre Herculano, 19
FIGUEIRA DA FOZ: Rua Bartolomeu Dias, 73 (junto ao Quartel)
FIGUEIRÓ DOS VINHOS: Cêrro - Várzea Redonda
FUNDÃO: Loteamento do Rebordão - Qt.ª da Boavista, Lt. 27 r/c
GUARDA: Av. João de Ruão - Guarda Gare
LAGOA: Rua Carlos da Maia, Lote 9 r/c
LEIRIA: Rua Lino António, Lote 42, r/c - Lugar da Cruz da Areia
LISBOA/ALVALADE: Rua Acácio Paiva, 29
LISBOA/CENTRAL: Rua Joaquim Bonifácio, 17
LISBOA/ROÇADAS: Av. General Roçadas, 36 A e B
MACEDO DE CAVALIROS: Rua António José Miranda
MATOSINHOS: Rua D. João I, 130
MOURA: B.º Salúquia - R. Roque Antunes, Bl. 10 r/c Esq.º
ODIVELAS: Rua José Malhoa, 16 A (à R. Egas Moniz)
OLIVEIRA DE AZEMÉIS: Rua Manuel Brandão, 110
OLIVEIRA DO DOURO: Rua Dr. Gaspar da Costa Leite, 395
PAIVAS: Praceta Eça de Queirós, Lote 6, r/c Dt.º
PENICHE: Rua Projectada à Rua Luís de Camões
PERO NEGRO: L.A.P.I. - Rua da Estação
POMBAL: Rua Albergaria dos Doze, Lote A 5, r/c Esq.
PONTE DE SOR: Rua Damião de Góis, 5
PORTALEGRE: Rua 1.º de Maio, 9
PORTIMÃO: Rua das Oliveiras, 49
PORTO: Rua Ferreira Cardoso, 103
PÓVOA DE S. COSME: Ervedal da Beira - O. do Hospital
QUELUZ: Av. Luís de Camões, 36-38
REBOLEIRA: Av. da Aviação Portuguesa, 4 A e B
RIBEIRA DE NISA: Rua do Estacal

RIO MAIOR: Rua Mariano de Carvalho, 11
SALVATERRA DE MAGOS: Av. José Brito Seabra (à Escola Nova)
SANTARÉM: Vale de Estacas
SANGALHOS: Rua da Estação
SANTANA: Igreja Adventista
ST.ª MARIA DA FEIRA: Casa Irmão Ant.º Costa - Azenha
ST.º ANTÓNIO DAS AREIAS: Rua 25 de Abril, 5
SÃO BRÁS DE ALPORTEL: Rua João Rosa Beatriz, 66
SÃO FÉLIX DA MARINHA: Rua da Forta
SÃO JOÃO DA RIBEIRA: Estrada Nacional (Frente à Fábrica de Tomate)
S. MATEUS: Oliveira de S. Mateus - Riba d'Ave
SERPINS: Cruzamento do Vale de Figueiras - Lousã
SETÚBAL: Rua Latino Coelho, 8
SILGUEIROS: Igreja Adventista
SINTRA: Rua General Morais Sarmiento, 10
TAVIRA: Bl. E, Rua Projectada à Rua Dr. Manuel Trindade
TORRES VEDRAS: Rua Guilherme Gomes Fernandes, 18
TOMAR: Rua dos Arcos, 29
VALE QUEIMADO: L.A.P.I. - Salvaterra de Magos
VIANA DO CASTELO: Urb. Socomina, Bl. 7 cave 7 Estrada de Abelheira
VIEIRA DE LEIRIA: Rua Gilberto Ribeiro, 35, r/c
VILA CHÃ (Barreiro): R. do Alentejo, 9A e 9B
VILA DO CONDE: Rua da Independência da Guiné-Bissau
VILA FRANCA DE XIRA: Rua Noel Perdigo, 51
VILA NOVA DE GAIA: Rua Soares dos Reis, 287
VILA NOVA DE MONSARROS: Além do Rio
VILA REAL: Av. D. Dinis, 26
VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO: Rua Dr. Passos, 100-1.º
VISEU: Rua Elias Garcia, 20
VIZELA: R. Elias Garcia, 20

AÇORES

ANGRA DO HEROÍSMO: Rua 5 de Outubro, 43 B
CAIS DO PICO: Rua do Poço
FETAIS DA PIEDADE: Pico
HORTA: Rua Dr. Melo e Simas, 5 A
LOMBA DE S. PEDRO: Lomba do Meio, Rua do Meio, 3 - S. Miguel
PONTA DELGADA: Rua de Sant'Ana, 76 - S. Miguel
PRAIA DA VITÓRIA: Estrada 25 de Abril, 104 A

MADEIRA

CANIÇO: Igreja Adventista - Assomada
FUNCHAL: Rua Conde Carvalhal, 6 A

PORTO SANTO

SÍTIO DA VILA: Rua Dr. Pedro Lomelino, 5 - Casa do Meio

GRUPOS

ALBERGARIA-A-VELHA: Igreja Adventista
CASTELO DE VIDE: Rua Santa Maria de Cima, 32
CHAVES: Estrada do Seabra, 26
FARO DO ALENTEJO: Igreja Adeventista
FERREIRAS: Igreja Adventista - Albufeira
MOINHO DO TORRÃO: Monte dos Pereiros - Margem
MONCORVO: R. de St.º António, n.º 8
NISA: Rua Dr. Graça, 44
PAMPILHOSA: Rua dos Bombeiros
PEDRALVA: Igreja Adventista da Pedralva
PÓVOA DE S. ÍRIA: Av. Isidoro da Costa, 18 - 1.º Dt.º
RASA: Monte Roxo - Moínho
SINES: St.º André - Bairro das Panteras, Bl. 3/2 r/c Dt.º B
VALE TRAVELHO: Vale Travelho - Porto de Mós